

VIDA DE FÁBIO MÁXIMO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

*Ecco Fabio! Nella serenità del cielo la Somma Maestà
vuol ch'egli dimori.*

*Guarda che grande condottiero! Sebbene da tutto il
popolo fosse detto Temporeggiatore, tuttavia una grande
gloria meritatamente risplende ai cauti consigli.*

(Petrarca, *África* 1. 371 sqq.)

O fresco de Pietro Vannucci, o *Perugino*, intitulado “alegoria da Prudência e da Justiça” (1497)¹, não podia ser mais expressivo na representação de Fábio Máximo, o primeiro na prudência, seguindo-se Sócrates e só depois Numa Pompílio. Sob este trio paira a deusa da Prudência.

Do mesmo modo, a prudência² (*phronesis*) constitui a virtude política e militar que, segundo Plutarco, melhor definiu Fábio Máximo, sendo o traço forte do seu *ethos*. Esta tendência da natureza (*physis*), fortalecida pela formação intelectual, foi ampliada e

¹ Trata-se do fresco do Colégio de Cambio (Sala da Audiência) em Perugia, Itália. As figuras são identificadas pelos nomes que aparecem aos pés de cada uma. Da esquerda para a direita: Fábio Máximo, Sócrates e Numa Pompílio; seguem-se Fúrio, Pítaco de Mitilene e Trajano. Numa posição superior, encontram-se as virtudes da Prudência e da Justiça.

² Vide os seguintes passos desta *Vida* 4.4.3; 5.1.4; 17.6.4; 29.2.4.

posta em prática na comunidade, quando apresentou, em 217 a.C., a célebre tática militar contra a invasão cartaginesa que consistia em não fazer guerra, deixando que a força de Aníbal se extinguísse por si mesma (2.4)³. Esta estratégia cristalizou a memória do general romano, fixando um modo de actuação militar determinante na Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.) que, não tendo expulsado os Cartagineses de Roma, sempre evitou um desastre pior. Tal prática valeu-lhe, na posteridade, o título de *cunctator*, “contemporizador”, conforme o poeta Ênio, um dia, reconheceu: *Unus Homo nobis cunctando restituit rem* (12. 363), “Um só homem, contemporizando, restaurou-nos o Estado”⁴. Todavia, apenas em retrospectiva, reconhecemos o sentido heróico destas palavras; na verdade, o momento histórico (*kairos*) em que Fábio Máximo foi agente não reconheceu o carácter providencial desta tática militar, tão alheia à agressividade bélica dos Romanos.

Tal como Ênio, assim Plutarco o representa: *unus homo*, isolado, impassível perante as calúnias, conquistando o outro pelo silêncio e pela paciência, qual *sapiens* estóico. Plutarco evidencia mesmo esta solidão desde a infância, uma prefiguração do seu carácter e, por extensão, da acção que marcou a sua conduta política e militar. Ainda jovem, são-lhe reconhecidas qualidades éticas como “doçura” (*praotes*, 3.5), “tranquilidade” (*hesychion*, 3.5), “silêncio” (*siopelon*, 3.5), “muita

³ Outras fontes que atestam esta tática de batalha campal: Políbio 3. 82.4 e Tito Lívio 22. 3.8-9.

⁴ Sobre este verso de Ênio, vide o recente estudo de ELLIOTT (2009).

prudência” (*polles men eulabeia*, 3.5), que se reflectiam na própria aprendizagem: “a muita prudência que tinha em entregar-se aos prazeres infantis, a lentidão e a dificuldade com que aprendia as matérias, a complacência e a submissão para com os seus amigos” (1.5). *Muitos*, porém, desconfiavam de alguma “estupidez e preguiça”, e apenas *alguns* reconheciam, então, a superioridade daquele *ethos* que despontava (1.5). Com efeito, é nesta dialéctica que se vai construir e definir a figura deste general romano, entre a estima de poucos e o desprezo de muitos. Na *República*, quando discute a educação dos guardiães, Platão refere também que aqueles que se revelam seres de tempero estável e resistente a qualquer inconstância da vida têm, geralmente, dificuldades na aprendizagem (503c-d)⁵. Contudo, logo o biógrafo desconstrói estes atributos: “a todos provou que a aparente apatia era, na verdade, impassibilidade, a precaução, prudência e que falta de reacção e agilidade perante qualquer circunstância antes eram constância e firmeza” (1.6).

Assim, a *paideia* e o contacto com a comunidade permitiriam despertar e otimizar qualidades já detectadas na infância, convertendo em acto o que era potência. O que não constava na *physis*, recebeu-o Fábio da comunidade, “treinou o seu corpo para o combate,

⁵ “Os caracteres sólidos e difíceis de alterar, em quem se podia confiar mais, e que em combate são inabaláveis perante o temor, comportam-se do mesmo modo nos estudos. São parados e aprendem com dificuldade, como se estivessem entorpecidos, cheios de sono e a bocejar, quando têm de executar um trabalho dessa espécie.” (503 c-d). Tradução de ROCHA PEREIRA (102007: 299).

como uma arma natural, e o discurso como instrumento de persuasão dirigido ao povo” (1.7). Virtudes como *praotes* (doçura), *pronoia* (providência) e *eulabeia* (prudência), acompanharão sempre este general, sendo invocadas nos momentos mais cruciais do seu percurso, sobretudo a primeira que, apesar de estar geralmente associada à *physis*, amplia os seus contextos de ocorrência até ao domínio político⁶, como veremos.

Membro da antiga aristocracia romana, pertenceu àquela geração de varões, como Marcelo (19), por exemplo, que alcançou a maturidade durante a Primeira Guerra Púnica e que se encarregou de liderar Roma durante a crise gerada neste período. Nomeado cinco vezes cônsul, como o seu bisavô, ficou conhecido pelo triunfo sobre os Lígures no primeiro consulado (233 a.C.), exerceu a censura em 230 a.C., conquistando uma autoridade ímpar junto dos seus pares e do povo. Depois de um breve capítulo (1) sobre os antepassados e a educação deste general, Plutarco inicia o relato da *Vida* quando Fábio Máximo teria por volta de 66 anos⁷, deixando em branco a maior parte dela, dada a escassez de fontes. O biógrafo inicia a narrativa no ano de 217 a.C. para descrever os sinais que antecederam a batalha do Trasimeno (2.2).

⁶ Note-se o último capítulo do prómio de *Címon* (3), onde Plutarco conclui que ambos os homens (Címon e Luculo) foram calmos (*praoi*) a nível político, pelo que proporcionaram às suas cidades uma pausa da guerra civil. MARTIN JR. (1960); Vide DE ROMILLY (1979); RIBEIRO FERREIRA (2008a) e (2008b).

⁷ A data de nascimento de Fábio é incerta. A primeira referência mais segura é a indicação da sua eleição como áugure em 265 a.C., pelo que se fixou, a partir daí, a data de nascimento no ano 283 a.C. Vide F. MÜNZER (1909: col. 1815).

Ano de 217 a.C., fórum de Roma. O pretor Pompônio dirige-se ao povo e, friamente, anuncia o desastre do lago Trasimeno: morrera o cônsul Flamínio e, com ele, os melhores dos homens do exército. A crise exigia uma autoridade única que garantisse a segurança. Naquele ano, Fábio contava já dois consulados (233 a.C., 228 a.C.), um triunfo sob os Lígures (233 a.C.) e uma ditadura (ca. 221 a.C.)⁸ e distinguiu-o a sabedoria (*phronema*) e a nobreza de carácter (*axioma tou ethous*). Fábio é eleito *dictator* nesse ano (3.6)⁹. A sua acção política começa pelos deuses – o mais *belo* (*kallisten*, 4.4) dos inícios – de forma a que o povo recuperasse de novo a confiança (4.4-6). O mesmo se repete, em 215 a.C. quando for eleito cônsul, depois da Batalha de Canas (18.2-4). Com efeito, o seu percurso político foi paralelo ao desempenho de cargos de natureza religiosa: aos 28 anos, foi eleito áugure, e mais tarde, em 216 a.C., é nomeado *Pontifex Maximus*¹⁰, funções que exerceu até à sua morte (203 a.C.).

Conquistado o povo, Fábio e as tropas vão ao encontro de Aníbal, não para oferecer combate, mas para o seguir ao longe e para esgotar pouco a pouco a sua força e, com o tempo, tirar vantagem da falta de recursos e de

⁸ Este dado não consta no relato de Plutarco. A eleição terá ocorrido seguramente entre 221 e 219 a.C. Vide PÉREZ JIMÉNEZ (1996: 65 n. 130).

⁹ Vide “Introdução Geral”, n. 5 e *Vida* de Fábio Máximo n. 27.

¹⁰ Vide 4.4; 4.5; 5.1; 8.1; 17.1; 18.2; 19.8.

tropas¹¹. Embora estranha ao típico general romano¹², esta atitude coaduna-se com os padrões da teoria militar contemporânea, conforme afirma o historiador militar A. Goldsworthy (2007:46): “Fábio, tal como o bom comandante dos manuais militares, evitava a batalha e procurava os meios para mudar as circunstâncias a seu favor.”. Com efeito, o general só deve arriscar quando a perspectiva de sucesso for favorável e, após as derrotas romanas de Trébia e Trasimeno, a confiança das tropas de Aníbal era elevadíssima.

Criticado por Minúcio Rufo, o chefe de cavalaria¹³, pelas tropas, pelo Senado e pelo povo, Fábio Máximo recebera já a alcunha de *paedagogus* de Aníbal. Este, porém, revelava-se confuso e perturbado pois, como

¹¹ O exército de que Fábio dispunha era precário, sendo constituído por sobreviventes da guerra de Trébia, cuja única experiência de guerra que tinham era a da derrota; as quatro legiões estavam desprovidas de cavalaria, que havia sido destruída no lago Trasimeno e o resto do exército tinha apenas umas semanas de existência. “Seja como for, por muito impressionante que o exército de Fábio pudesse parecer, de modo algum podia equivaler às tropas veteranas de Aníbal”, reconheceu GOLDSWORTHY (2007: 46). É neste contexto que devemos analisar a campanha levada a cabo pelo ditador. Sobre esta tática fabiana, vide Frontino, *Estratagemas* (1.3.3; 10) e Polieno, *Estratagemas* (8.14.1).

¹² Onasandro, filósofo do séc. I d.C., autor de um comentário à *República* de Platão – hoje perdido – legou-nos o tratado *O General*, no qual define o perfil do general perfeito (*agathos strategos*, cap. 2). Este modelo reflecte um estilo de comando tipicamente romano, que persistiu, pelo menos, durante setecentos anos: “O general, quando é recrutado, deve ser útil, afável, diligente, calmo, não tão brando ao ponto de ser desautorizado, não tão severo que ponto de odiado, pelo que nem deve relaxar o exército com favores, nem afastar o exército através do medo.” (2. 2-3). Vide também o passo de *Estratagemas* (1.3.3) de Frontino.

¹³ Vide “Introdução Geral”, n. 5.

compreendera o objectivo daquela táctica, procurava, a todo o momento, criar alarmes e emboscadas para o atrair para o combate (5.4). No seio da turbulência de medos, ânsias e precipitações, conservava-se Fábio “fiel e inalterável” (5.5); é ele a personagem tese, o *sapiens* que conserva a *apatheia* perante a adversidade, um exemplo prático de uma ética, sempre lida, mas raro experimentada ou de utilidade provada. Com efeito, nada é mais indigno do que ceder ao insulto do mais insensato ou da maioria (5.8):

Não é vergonhoso temer pela pátria e não me parece digno de um homem de tamanho cargo deixar-se influenciar pelas calúnias e censuras dos homens, mas antes próprio do escravo que se submete aos insensatos, sobre os quais ele deve ser chefe e mestre.

Pouco depois, porém, Fábio seria vítima da sua própria estratégia. Enganado pelo ardid dos bois de cornos em chamas (6; 7.3), a maior parte dos Romanos lança-se em fuga. Ainda assim, Fábio, receando um ataque nocturno, não avançou e, pela manhã, sofre um ataque que ditou a derrota romana (7.1-2) e são feitos vários prisioneiros de ambos os lados. Depois disto, Aníbal, querendo despertar a ira contra Fábio, manda incendiar várias propriedades, poupando apenas aquela do *dictator* (7.4). Esta, porém, não permaneceria sua por muito mais tempo, pois vendê-la-ia para pagar o resgate dos soldados feitos reféns pelos Cartagineses, depois de o Senado se ter recusado a garantir a quantia que ele acordara com Aníbal (7.7).

Constituiu este o primeiro acto de “doçura” (*praotes*) desta biografia, isto é, a manifestação pública de um traço da *physis*, que se irá revelar em mais quatro momentos (12.3; 18.4; 20.2; 20.5). O maior oponente público era o seu chefe de cavalaria, Minúcio Rufo que, encorajado pelos últimos acontecimentos, procurava a todos convencer da necessidade de um ataque directo. Certa vez, quando metade do exército de Aníbal tinha saído em busca de provisões, ficando, por isso, mais vulnerável, Minúcio, com alguns homens, ataca de surpresa e faz algumas baixas. A Roma chega a notícia de algo mais grandioso do que realmente acontecera; a ira do povo e do Senado contra Fábio aumenta e evidencia-se numa nova resolução, inédita¹⁴: a nomeação de Minúcio como co-ditador (9.3).

¹⁴ Esta resolução é inédita na história da república romana, pois a magistratura *dictatura* concedia ao magistrado o poder absoluto e, segundo algumas fontes (Tito Lívio 2.18.8/ 3.20.8; Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas* 10.24.2) sem direito a *provocatio*, isto é, o direito que assiste qualquer cidadão romano de chamar (*prouocare*) o povo para se opor a uma coacção ou morte imposta pelo magistrado. Este *ius prouocationis* aplicava-se somente a cidadãos e estrangeiros, não abrangendo a esfera militar. Contudo, embora fosse uma prática corrente, nenhum ditador terá, de facto, abolido esta lei, conforme sugerem as fontes (LINTOTT 2003: 111). Deste modo, o *dictator* não teria paralelo no *imperium* (*Fab.* 4.3), caso contrário não poderia cumprir a função primeira desta magistratura: o comando unificado do exército. Note-se que o chefe de cavalaria (*magister equitum*), apenas tinha direito a seis lictores com fascas, enquanto o *dictator* possuía vinte e quatro. Assim, esta equiparação de Minúcio Rufo ao cargo de *dictator* de Fábio partiu da população que temia que Fábio usasse de um direito que lhe assistia na qualidade de ditador: “como o ditador tinha o direito de prender e condenar à morte sem julgamento prévio, pensavam que o espírito de Fábio, agora sem a sua mansidão, se tornaria inflexível e implacável” (*Fab.* 9.1). Sem o direito de *provocar* o povo para uma sedição contra uma eventual condenação, Minúcio contou com o apoio de Metílio (*Fab.*

Impopular e com menos poder, Fábio passa a comandar duas legiões, o seu colega outras duas e o acampamento divide-se. Pouco tempo depois, Fábio tem que se deslocar a Roma para oferecer sacrifícios aos deuses e Minúcio aproveita a ocasião para atacar Aníbal (11). O desastre desta ofensiva só não foi maior, porque Fábio correu ao local para salvar o colega Minúcio. Constituiu este acto o segundo momento de *praotes* que, no enquadramento moral dos Romanos, encontra expressão no valor da *clementia*, “a mansidão e a misericórdia, a capacidade de dar e de perdoar”¹⁵ e no interesse da *res publica*, que é superior a qualquer diferença. Comovido por este acto, Minúcio, com a sua parte do exército, a ele se dirige para o aclamar como “pai”, reconhecendo que tem mais capacidade para obedecer do que para liderar (13). Esta cena é plena de dramatismo, pois Plutarco descreve todos os movimentos dos intervenientes como de didascálias se tratassem (13.5-6; 13.9), atribuindo duas falas extensas a Minúcio (13.2-4; 13.7). O *pathos* atinge o clímax no momento em que ambos se abraçam e beijam, à semelhança dos próprios soldados¹⁶. Esta

9.2) que, na qualidade de tribuno da plebe – a única magistratura que não perde o poder durante a *dictatura* – decretou, por votação, que o cargo de general (*magister equitum*) se equiparava ao de chefe e actuava na guerra com a mesma autoridade que o ditador (*rogatio Metilia*). A propósito desta lei, vide Políbio 3.103.3-5, Cornélio Nepos, *Anibal* 5.3 e Tito Lívio 22.25-26. Note-se que Metílio era, segundo Plutarco, parente de Minúcio (*Fab.* 7.5).

¹⁵ Salústio, *Catilina* 54, em tradução de ROCHA PEREIRA (52005: 103). Sobre este valor romano, vide ROCHA PEREIRA (32002: 368-73).

¹⁶ O pormenor da descrição aprofunda, com efeito, o *pathos* e a psicologia das personagens. Encontra-se também em Tito Lívio

cena de reconciliação inspirou artistas como Peter Paul Rubens¹⁷ e Francesco de Siena¹⁸, que ilustrou também outras sequências narrativas da vida do general romano.

Seis meses depois¹⁹, Fábio termina o seu mandato e regressa a Roma. No ano seguinte (216 a.C.), um desastre maior haveria de sobrevir: a derrota de Canas²⁰. Numa nova crise política e Fábio Máximo é reeleito para o quarto consulado em 214 a.C. O seu colega é Marcelo²¹, arrojado e agressivo em combate e, com Fábio, fazia o par perfeito: um era *o escudo* e o outro *a espada*²² (19.4).

(22. 30, 6), embora sem a carga emotiva e *patética* que Plutarco lhe confere.

¹⁷ VON ALTEN (1933).

¹⁸ Vide as reproduções que constam em GUERRINI (1991b). Eis as sequências que foram representadas: a eleição como ditador (FAB. MAX. DITACTOR DESIGNIATUS [SIC]), o sacrifício aos deuses (FAB. SACRIFICIUM), lealdade para com Aníbal (FAB. FIDES ERGA HANNIBALEM), a astúcia no confronto com Aníbal (FAB. ASTUTIA IN HANNIBALEM), o socorro a Minúcio (FAB. MINUTIO SUCCURSO PENOS FUGAT), a reconciliação com Minúcio (FAB. MINUTIUS PATREM APPELLAT), a reconquista de Tarento (FAB. TARENTUM RECUPERAT), em honra da memória do filho falecido (FABIUS FILIUM CONSULEM HONORAT). Esta colecção encontra-se no Palácio Abadia de Grottaferrata (Lácio, Roma).

¹⁹ Vide “Introdução Geral”, n. 5.

²⁰ Sobre a disposição campal das tropas nesta batalha, vide CAMBELL (2004: 109).

²¹ Marco Cláudio Marcelo, plebeu, fora cônsul em 222 a.C. e pretor em 224 a.C. Quando era mais jovem, combatera na Sicília durante a Primeira Guerra Púnica, e conseguiu várias condecorações por actos individuais de heroísmo, uma *corona ciuica*, a maior condecoração de Roma, concedida pelo seu irmão Otacílio, por aquele lhe ter salvo a vida.

²² Posidónio (FGrH 87 F 42). Sobre esta dupla de generais, afirma GOLDSWORTHY (2007: 54): “Uma significativa experiência em campanhas passadas, aliada à capacidade natural, permitiu

A acção de Fábio era como um rio que “fluía sem ruído e pouco a pouco e consumia continuamente as suas bordas” (19.5), enquanto a de Marcelo era como um “rio violento”. Não conquistaram uma derrota definitiva aos Cartagineses, mas conseguiram evitar um desastre pior. Ambos os generais são reeleitos para um quinto consulado em 209 a.C., o último.

Nesta altura, em plena invasão cartaginesa, quando se torna mais premente resolver a questão do afastamento das cidades e da revolta dos aliados, Fábio é chamado a resolver dois casos de indisciplina no exército. O primeiro trata-se de um soldado marso, de grande mérito militar, que tentara desencadear um revolta contra Fábio; este, em vez de o repreender, ofereceu-lhe um cavalo de guerra e outros prémios como reconhecimento do seu valor. No outro caso, um soldado lucano, também ele muito corajoso, ausentava-se do acampamento para ir pernoitar com uma mulher que morava longe. Nisto, Fábio mandou vir a mulher para o acampamento de forma a que ele não tivesse que fazer mais caminhadas e, por isso, diminuir o seu contributo ao exército. Estas acções constituem também expressão de *praotes*, pois aquele que comanda os homens deve usar da benevolência e da mansidão para conquistar lealdade de quem mais precisa (20.4), algo peculiar à conduta do herói, como refere J. Ribeiro Ferreira (2008b: 116): “Em Plutarco encontramos frequentes vezes sublinhada a ideia de que a humanidade do herói para com os

a Marcelo e a Fábio distinguem-se da maioria dos restantes comandantes romanos seus contemporâneos e tornou o seu estilo de liderança em algo bastante próximo do helenístico”.

vencidos ou os subordinados é muitas vezes mais eficaz do que a violência e a dureza.”²³

Fábio, já de idade avançada, recupera Tarento à traição (21-24). É a partir deste momento que se dá a chamada “metamorfose”²⁴ ética que inicia a uma inesperada fase de insolência que ensombra a constância deste percurso ético. Em primeiro lugar, ainda em Tarento, assassina os cidadãos brúttios mais importantes para que não se soubesse da traição (22.5), e, por isto, “recebeu a acusação de deslealdade e crueldade”; levou consigo o património artístico da cidade, nomeadamente a estátua colossal de Hércules que colocou no Capitólio, erigindo, ao lado, uma estátua equestre de si próprio em bronze (22.7-8), celebrando o triunfo da tomada de Tarento, “com mais pompa que o primeiro” (23.2).

Neste ponto, a perspectiva de Plutarco torna-se ambivalente pois, apesar destes factos, parece forçado a continuar a mesma linha luminosa de constância e ponderação que fora perspectivada no início e que vinha sendo confirmada pelo percurso de vida. Com efeito, neste momento já não reconhecemos o mesmo “cordeirinho” (*ovicula*, 1.4) da infância ou o político de oratória transparente e moderada (1.8). Contudo, esta tendência já antes se manifestara de forma pontual: depois da eleição de Fábio como *dictator*, o primeiro pedido que fez ao Senado foi o de poder ir a cavalo

²³ Cf. *Marcelo* 19. 2-6, 12; *Aristides* 23.1; *Címon* 6.2; *Flamínio* 2.5, 5.7.

²⁴ Vide REBUFFAT, M. R. (1978), “Métamorphose de Fabius Cunctator: Thomas Diaforius”, in *Colloques d'Histoire et Historiographie*, Paris, pp. 335-sqq. apud GUERRINI (1991a: 256).

durante as expedições militares, algo proibido por ser mais uma marca de ostentação de poder de alguém que já detinha o poder absoluto (4.1-2), bem como o facto de querer mostrar a grandeza do cargo da ditadura ao desfilar em público com vinte e quatro *lictors* reunidos à sua volta, de forma a conquistar a obediência dos cidadãos (4.3).

Nesta medida, a tendência mais evidenciada na fase final da sua vida não é inédita, mas já se encontrava em potência, na *physis*, mas refreada pela *paideia* e pela vivência em comunidade durante a sua fase mais activa. Esta fase de decadência ética torna-se ainda mais óbvia pela atribuição de qualidades do campo semântico da senilidade, como “velhice” (*geras*), “debilidade” (*astheneia* 24.1), “intratável” (*dyskolos*), “invejoso” (*baskanos*), “cobarde” (*atolmos*) e “pessimista” (*dyselpis*, 26.3), “antiquado” (*arcaios*), “obsoleto” (*presbytikos*, 25.1) adjectivos que caracterizam a sua táctica de batalha campal. Longe do tom encomiástico, estas qualidades apresentam um carácter disfórico, um estado que é uma consequência da degenerescência natural e, como tal, já distante das exigências políticas e militares do presente.

Aberta esta crise na constância deste *ethos*, Plutarco intercala dois episódios que, de certa forma, anunciam o final da carreira política de Fábio como prefigurações. O primeiro tem lugar quando o seu filho é eleito cônsul e surge uma menção à velhice do pai (24.1); num outro momento, Plutarco recorda um episódio do bisavô de Fábio, quando regressava com o seu filho da guerra no desfile triunfal. Aquele seguia-o a cavalo com os outros

elementos da comitiva e mostrava-se orgulhoso, pois estava subordinado à lei e ao magistrado, o seu filho (24.5). Além do elogio das tradições militares e de enaltecer o sentido aristocrático da família, o biógrafo estabelece este paralelo entre Q. Fábio Máximo Ruliano e Fábio para demonstrar que a finitude do exercício político é inevitável e necessária à comunidade.

Depois destes momentos, Plutarco dedica os capítulos seguintes (25-27) à última fase da vida do general, tempo de decadência política, que contrasta com a audácia de Cipião²⁵. Fábio cedera, enfim, aos imperativos da natureza humana: agora, cego pelo desejo de glória, temia ser ultrapassado por um general mais jovem e brilhante que pusesse fim à guerra contra Aníbal, algo nunca conquistado por ele. Pela primeira vez, deu primazia ao interesse privado (ἐαυτὸν, 25.3) em detrimento da *res publica*; e expulsar os Cartagineses e deslocar a guerra para o norte de África. Pela primeira vez, a comparação pendia negativamente para Fábio, ao contrário do que antes sucedera nos paralelos com Gaio Flamínio (2.4), Minúcio Rufo (9) e Terêncio Varrão (14).

Esta angústia do inesperado desencadeou, em Fábio, uma série de comportamentos contrários à *apatheia* que antes o caracterizava e que se afiguravam ridículos no palco político. O antigo ditador tentava agora travar os planos de Cipião: infundia todo o tipo de medos na cidade, acusando Cipião de insensatez e

²⁵ Plutarco valorizou especialmente esta vida, pois teria sido um dos elementos do primeiro par de *Vidas*, Cipião-Epaminondas, hoje perdido. Vide CRESPO (42007: 314).

inexperiência, encarregou o colega Crasso de demover o colega de atacar Aníbal e impedia ainda os jovens que se queriam alistar na sua campanha. Mais tarde, quando começaram a chegar notícias das façanhas de Cipião, exigiu o envio de um substituto para Cipião, alegando que é difícil que a mesma pessoa seja sempre afortunada. E nem depois de Aníbal ter abandonado Itália, deixou de o criticar ou de incutir o receio e a desconfiança nos cidadãos (25.3; 26), algo tão diverso da acção de Fábio enquanto ditador (4.4). Nesta fase, repete-se a mesma situação que ocorrera com Minúcio Rufo, quando Fábio o advertiu de que “o seu combate não era contra Fábio, mas sim contra Aníbal” (10.7). Com efeito, também agora o seu inimigo deixara de ser Aníbal para passar a ser Cipião, já que era contra ele que Fábio se pronunciava no Senado, em vez de encontrar soluções conjuntas para vencer o poderoso exército cartaginês. Assim, os verdadeiros inimigos parecem ser a ambição, a necessidade de glória pessoal e reconhecimento público, pois determinaram as acções de Minúcio Rufo, Terêncio Varrão e agora, nesta última fase, até a de Fábio Máximo; o drama desta *Vida* centra-se mais na densidade psicológica destas lutas internas, do que no combate contra Aníbal, cujo retrato é sobretudo encomiástico.

Nesta medida, o julgamento do biógrafo torna-se já artificial, pois se, por um lado, há a tendência para completar idealmente este perfil, por outro não pode corrigir a história e os traços negativos também têm de ser “contemplados”. Tal oscilação é evidente quando

procura justificar este comportamento com a prudência habitual – “é provável que o propósito inicial de se opor a estes planos se tenha devido mais à segurança e à prudência” (25.3) –, mas logo acrescenta que foi, afinal, “arrastado por uma certa ambição e rivalidade de modo a impedir o engrandecimento de Cipião” (25.3). Concluiu, portanto, que se tratava de uma política de Fábio que “estava em conformidade com a sua natureza [*heautou physin*]” (26.2). Com efeito, sendo um traço excessivo da sua essência, converteu-se numa afecção da qual ficou prisioneiro. Podemos, assim, comparar esta última fase de Fábio com as figuras com que ele se confrontou ao longo do seu percurso político: Gaio Flamínio (2.3.3; 3.3.6), Minúcio Rufo (10.4.1) e Terêncio Varrão (14.2), que personificaram eles mesmos estas afecções, das quais Fábio sempre se demarcou por apresentar uma atitude contrária à guerra. Na verdade, os confrontos entre Fábio e a figura de outro estadista, um sensato e um ambicioso num eixo de superioridade e inferioridade, constitui um eco platónico da forma de governo timocrática, uma mistura de bem e mal (*República* 548c7). Note-se que ambas as expressões assinaladas apresentam os mesmos termos gregos: *philotimia* e *philonikia*.

Contudo, tornou-a uma questão pessoal e foi mais longe arrastado por uma certa ambição e sede de vencer, de modo a impedir o engrandecimento de Cipião.

Fábio Máximo 25. 3. 4

- *A forma de governo a que te referes é uma mistura completa, de bem e de mal.*

- *É uma mistura, efectivamente – disse eu – Mas há uma característica evidente, devido a ser governada por um exaltado, que é a ambição e o gosto de honrarias*²⁶.

Platão, *República* 548c7

Tal ambivalência teve lugar durante a ditadura “dupla” em 217 a.C. de Fábio e Minúcio Rufo e, em 216 a.C., com Gaio Flamínio e Terêncio Varrão, aquando da derrota de Canas. Neste caso, o confronto entre Fábio e Cipião só engrandece este último; o primeiro, outrora referência de prudência, desloca-se para um ponto diametralmente oposto.

Só a geração mais jovem, liderada por Cipião, conquistou a vitória contra os Cartagineses na batalha de Zama, mas Fábio já não viveu para assistir a esta glória. A descrição do funeral de Fábio é outro dos momentos de *pathos* desta *Vita*. O título de *pater* que Minúcio lhe atribuíra é recuperado para completar o clímax da cena que apresenta o desfecho ideal de uma vida exemplar do ponto de vista ético e filosófico: “cada particular contribuiu com a mais pequena das moedas, não por falta de ajuda por causa da sua pobreza, mas porque o povo o enterrou como a um pai.” (27.3).

Este final demonstra que a fase de decadência de Fábio foi completamente superada e, como tal, recebeu, na morte, as honras que merecia enquanto pai. Assim

²⁶ Tradução de ROCHA PEREIRA (1991: 369).

se fixou a memória de um homem prudente, religioso, dotado de uma perspicácia invulgar e com um profundo sentido de *res publica*, apesar de, no final da vida, ter revelado excessos contrários a esses ideais. Com efeito, denunciar os defeitos em paralelo com as virtudes estava já previsto no programa moral das *Vidas*, pois como o biógrafo afirmou no proêmio da *Vida* de Címon (2.3). Assim, do mesmo modo que o pintor não pode enfatizar os traços negativos, pois produz uma imagem vergonhosa (*aischran opsin*), também não os pode omitir, sob pena de parecer inverosímil (*anomoian*), pois também para o biógrafo é pouco provável apresentar um percurso de vida irrepreensível²⁷.

Desta *Vita*, salientamos o valor da *praotes* (doçura) que, em conjunto com a *pronoia* (providência), caracteriza F. Máximo a nível físico (1.5; 17.7), moral (1.4) e político (20.4), manifestando-se na infância com os colegas, alargando-se mais tarde à esfera pública, tendo ainda marcado a sua conduta política e a intervenção na Segunda Guerra Púnica. Trata-se de um ideal de vida essencialmente grego, que tudo comanda, que exprime tolerância e indulgência e que na obra de Plutarco atinge o seu apogeu, como sublinhou J. De Romilly (1979: 275): “Le vocabulaire de la douceur est, chez lui, plus riche et plus complet que chez aucun autre écrivain.” A *praotes* consiste assim numa resistência interior à violência e aos prazeres²⁸, pelo que entra plenamente em

²⁷ Vide, a propósito, STADTER (1997).

²⁸ Cf. *Bruto* 1.3. Esta virtude é também descrita por Aristóteles (*Ética a Nicómaco* 1126a1): “Porque o gentil [*praos*] quer permanecer imperturbável e não quer ser levado pela emoção, e

diálogo com outra tendência deste general já referida, a *apatheia*, traço do *sapiens* estóico.

A *praotes*, à luz da ética do povo romano, aproxima-se da *clementia* que consiste na mansidão, misericórdia, na capacidade de dar e perdoar²⁹, mas esta é menos ampla por se tratar de uma prática da esfera política, ao contrário da grega, que começa por ser um traço da *physis*, alargando-se ao campo político e social. Os actos referidos como expressão de *praotes* seriam designados por outros conceitos que reflectem valores específicos romanos. Por exemplo, o facto de Fábio ter cumprido o compromisso que firmou com Aníbal, contra a vontade do Senado e tendo, para isso, que vender a sua propriedade, trata-se de um acto de *fides*, a fidelidade a um juramento; o gesto de Minúcio Rufo que aclama Fábio de “pai”, reconhecendo a sua imprudência face à grandeza de espírito do general, pode ser visto como uma manifestação de *pietas*, um sentimento de obrigação para com aqueles a quem se tem uma ligação familiar, com pais e parentes, ou social, como outros membros da comunidade³⁰. Expressão deste mesmo valor é também a relação de Fábio com os deuses, que manifestava publicamente uma relação de temor para com a divindade (4.4; 8.1; 18, 2), tendo desempenhado cargos religiosos, como vimos.

apenas o sentido orientador lhe poderá prescrever as situações em que deve irritar-se e durante quanto tempo. Ou seja, o gentil parece pecar mais por defeito, porque não é do tipo vingativo mas mais do género que perdoa.” Tradução de CAEIRO (2004: 98). Vide ainda RIBEIRO FERREIRA (2008b: 112).

²⁹ Vide n. 15 deste estudo.

³⁰ A este respeito, vide ROCHA PEREIRA (2002: 338-9).

Com efeito, o acto de receber, em festa, Terêncio Varrão que tinha desaparecido depois do desastre de Canas (18.4), também pode ser entendido como um acto de *clementia*: “elogiaram-no por não ter renunciado à cidade depois de tamanho infortúnio e por estar ali presente para desempenhar o seu cargo, velar pelas leis dos cidadãos” (18.5). O ponto de vista do biógrafo é grego, pelo que faz corresponder estas acções a conceitos existentes na cultura helénica, permitindo assim uniformizar o valor programático inerente a cada par de *Vidas* – neste caso, a *praotes*.

Constatámos, ao longo desta *Vida*, que certos momentos são invulgarmente extensos, recorrendo ao biógrafo ao uso do discurso directo conferindo verosimilhança à cena descrita, de forma a conquistar a empatia do ouvinte e garantir a adesão ao modelo ético apresentado. A inclusão de certos momentos aparentemente sem importância para a economia narrativa (12.2; 5.7-8; 15.3) cumpre, afinal, outro objectivo: iluminar e fixar a memória de uma figura³¹, como esclareceu Plutarco no início da *Vida* de Alexandre (1. 1-2):

(...) nem sequer é nos acontecimentos mais espectaculares que reside especialmente a demonstração da virtude e do

³¹ A verdade é que quase toda a narrativa está concentrada entre a Batalha do lago Trasimeno (217 a.C.) e a de Canas (216 a.C.), pois aí se localizam as descrições mais completas e dramatizadas desta *Vida*, tendo como tema principal, o confronto com Aníbal. Depois de Canas, a narrativa só retoma o ritmo mais lento e descritivo aquando da tomada de Tarento (214 a.C.), o último momento de expressão heróica deste general.

*vício; pelo contrário, muitas vezes um pequeno gesto, uma palavra ou uma brincadeira reflectem melhor o carácter do que os combates com baixas incontáveis (...)*³²

Na verdade, “os combates com baixas incontáveis” constituem o objecto de histórias mais pormenorizadas (16.6; 21.5), fontes para a construção das *Vidas*, neste caso as obras de Tito Lívio, Políbio ou a *História* de Posidónio de Apameia (que não chegou até nós). Em relação aos episódios ocorridos no final do século III, por altura da derrota de Canas (216 a.C.) terá recorrido aos testemunhos de Díon Cássio, à *Guerra de Aníbal* de Apiano, ao [anónimo] *Sobre os varões ilustres*, a Valério Máximo, e outros autores do século II e I, como os historiadores Célio Antípatro e Valério Ântias³³. Assim, enquanto estas fontes se ocupam da história de um povo em geral, as *Vidas* de Plutarco são expressão do fascínio pelo particular, a vida de um homem, ainda que muitas vezes se confunda com a história do seu povo. Como ele mesmo afirma “nós não escrevemos histórias [*historias*] mas sim biografias [*biouis*]” (*Alexandre* 1.2).

A experiência de guerra seria algo familiar aos ouvintes e leitores das *Vidas*, pelo que o comportamento do político teria uma função didáctica e um efeito performativo, pois apresenta a história de grandes homens em acção, conforme lembra P. A. Stadter (1997: 69): “Plutarch’s biographies respond to this deeply felt need among the elite of the empire”. Esta

³² Tradução de LEÃO (2008: 103).

³³ Vide PÉREZ JIMÉNEZ (1996: 37).

premência de *exempla* era já sentida nos escritos de ética romana, como no *De Officiis*³⁴ (3.19) de Cícero, que representa já um estádio significativo do pensamento ético e permite explicar a decisão de Plutarco de escrever biografias, algo também expresso por Séneca³⁵. Assim, estas *Vitae* combinam história e filosofia ética, de forma a demonstrar a utilidade dos princípios filosóficos, que, por si só, não são suficientes. Com efeito, como nota Stadter (1997: 67), as circunstâncias reais de uma acção afectam a avaliação ética da mesma: por exemplo, matar um homem é um princípio errado, mas pode não ser reprovável se se tratar de um tirano.

Com efeito, para o mesmo fim fora criada a *Ética a Nicómaco* de Aristóteles, de forma a fixar padrões de conduta, analisando o problema ético face ao seu horizonte prático, onde as possibilidades de variação se multiplicam consoante as circunstâncias, pois “a excelência ética constitui-se, portanto, em vista de fenómenos de prazer e de sofrimento (1104b3)”³⁶.

Nesta medida, a biografia plutarquiana adequa-se a um determinado programa moral previamente delineado, partindo já de um referencial, Péricles, com o qual o general romano se assemelha ou diverge. Assim, a história de uma

³⁴ Vide STADTER (1997: 67 sqq.).

³⁵ Em *Cartas a Lucílio* 94, Séneca expõe, com clareza, esta questão: “O problema da parenética divide-se, portanto, em duas questões: ela é útil ou inútil? É por si só capaz de formar o homem de bem ou não? Em suma, ela é supérflua, ou, pelo contrário, torna supérfluo todo o resto da filosofia?”. Tradução de CAMPOS (2004: 480). Vide também STADTER (1997: 69).

³⁶ Tradução de CAEIRO (2004: 46).

vida é moldada para se ajustar a um determinado conjunto de valores políticos e éticos.

Do mesmo modo, Fábio suportou os seus ultrajes, impassivelmente (*apathos*) e com mansidão, de forma a servir de exemplo (*apodeixin*) aos filósofos que sustentam que não é possível nem insultar, nem desonrar o homem bom e virtuoso (10.2)

O biografado torna-se assim um actor moral, cujo comportamento é apresentado com vista a confirmar *dogmata*, que carecem de exemplos práticos que reflectam a sua utilidade³⁷. Assim, a vida deste general parece construída para confirmar o axioma da *apatheia*³⁸, a impassibilidade face aos afectos da natureza humana. Com efeito, não podemos perder de vista o intuito didáctico da sua obra, pois Plutarco era sobretudo um grande divulgador da filosofia.

Só o tempo devolveu justiça e actualidade a esta figura. Além de ter conhecido alguns florescimentos na posteridade, com referências pontuais a nível literário³⁹, no domínio da arte⁴⁰, a sua táctica de batalha campal

³⁷ STADTER (1997: 70): “A few examples of Plutarch’s use of history to create moral portraits will help us appreciate his ability to highlight the moral dimensions of political action, and allow his readers to have that *bonorum uirorum conversatio* urged by Seneca”.

³⁸ Além da ocorrência acima mencionada, há outro registo do mesmo termo em 1.6.2, quando tratava a sua caracterização espiritual na infância: “a todos provou que a aparente inacção era, na verdade, impassibilidade [*apatheian*]”.

³⁹ Uma antologia de textos sobre Fábio consta em SANTONI (1991: 287-99).

⁴⁰ Vide nota 18 deste estudo.

teve também muita repercussão na teoria militar contemporânea, como vem confirmar Goldsworthy (2007: 46): “(...) o ditador agia correctamente. Muita desta literatura cita o exemplo de Fábio na abordagem das circunstâncias em que um chefe militar deve travar abertamente uma batalha.”

Contudo, nenhuma recepção se pode equiparar àquela que teve lugar no final do século XIX, no Reino Unido e na Irlanda. Recuperada no âmbito da filosofia política, a estratégia militar de Fábio actualizou-se numa nova dimensão, com a fundação, em 1884, da *Sociedade Fabiana*⁴¹. A criação deste movimento intelectual é atribuída a Thomas Davidson, um filósofo escocês, e reunia cientistas, escritores, políticos e intelectuais como George Bernard Shaw, Sidney Webb e Berthand Russell. Com efeito, tal como Fábio Máximo optava pela ausência de combate como estratégia, também esta sociedade tinha como fim estabelecer um Estado democrático baseado no socialismo, renunciando à necessidade de criar uma revolução para operar esta mudança social e política. Assim, esta filosofia é implantada na sociedade mediante uma educação decorrente de eventos públicos criados para este efeito, como palestras – cerca de 700 no ano de 1888 –, grupos de discussão, conferências e escolas de verão⁴². Em 1906, a Sociedade Fabiana conhecia já

⁴¹ Eis a primeira resolução da Sociedade tomada na reunião intitulada “The Fellowship of a New Life”, datada de 7 de Dezembro de 1884: “That the Society be called *The Fabian Society* (as Mr. Podmore explained in allusion to the victorious policy of Fabius Cunctator) was carried by 9 votes to 2.” in PEASE (2008: 21).

⁴² Em 1889, G. Bernard Shaw publica aquele que é o seu tratado mais conhecido da Sociedade, *Fabian Essays in Socialism*, seguindo-se

alguns frutos, sendo uma das responsáveis pela fundação do Partido Trabalhista britânico (1900). Além da Sociedade a nível nacional, outras emergiram em âmbito local – actualmente cerca de 63 –, tendo-se difundido na América e na Austrália já na década de cinquenta do século passado⁴³.

Actualmente, esta Sociedade continua bastante activa: publica a revista *Fabian Review*, lança várias edições de matéria política, organiza seminários, conferências e debates sobre temas cívicos. Além disso, ainda criou recentemente, em 2005, outra vertente, a *Fabian Women's Network*, que reúne cerca de 2000 mulheres.

Unus homo – um homem só visionário que empreendeu uma táctica militar tão criticada, mas que vigora, afinal, até aos nossos dias, como paradigma político e com repercussões efectivas na sociedade, inspirando, desde o século XIX, gerações de políticos.

em 1952, *New Fabian Essays*, editado por Richard H. S. Crossman.

⁴³ In “Fabian Society”, *The New Encyclopaedia Britannica*, vol. 4 (151995: 647-8). A obra de Edward R. Pease, secretário da Sociedade durante vários anos, *History of the Fabian Society: The Origins of English Socialism* de 1916, conheceu duas reedições nos últimos dois anos.

TÁBUA CRONOLÓGICA¹

ROMA/VIDA DE FÁBIO MÁXIMO

SÉCULO III A.C.

- ca. 283** Ano provável do nascimento de Fábio Máximo².
- 265** Eleito áugure, cargo que exerceu até à sua morte, durante 62 anos.
- 237-219** Os Barcas chegam à Hispânia e lá permaneceram durante 18 anos.
- 233** Cônsul pela primeira vez. Triunfo sob os Lígures (2. 1; 29 (2))³.
- 230** Eleito censor.
- 228** Segundo consulado. Oposição à Lei Flamínia que propunha a distribuição do terreno, o *ager Gallicus*⁴, pelos colonos romanos mais necessitados.
- 221-19** Ditador pela primeira vez. Provavelmente em 221⁵.
- 218** Avanço de Aníbal. Vitória cartaginesa em Trébia (2. 2).

¹ Para o estabelecimento desta cronologia, baseámo-nos sobretudo nas fixadas por R. Guerrini (1991: 285-286) e A. Pérez Jiménez (1996: 64-66)

² Vide nota 7 do capítulo “Introdução”.

³ Estas referências dizem respeito à *Vida* de Fábio Máximo.

⁴ Terreno dos Sénones, situado entre Sena Gálica e Ravena, que fora conquistado pelos Romanos.

⁵ Cf. Valério Máximo 1. 1. 5.

217 Derrota do lago Trasimeno a 21 de Junho (3. 3).

Fábio é nomeado ditador pelo povo (3. 7).

Coloca em prática a estratégia contra Aníbal: adiar o ataque até que o inimigo desgaste a sua força com a falta de recursos (5. 1-2).

Fábio é enganado pela estratégia dos bois de cornos em chamas e soldados romanos são feitos prisioneiros (6.6-10).

O general vende a sua propriedade para poder pagar o resgate dos soldados (7.7).

Minúcio Rufo, o seu chefe de cavalaria, é eleito co-ditador, algo inédito (9.3-4).

Fábio salva Minúcio Rufo e suas legiões das tropas de Aníbal (12.4).

Termina o período de ditadura e são nomeados novos cônsules, G. Servílio Gémino e M. Atílio Régulo (14.1).

216 Derrota romana na Batalha de Canas (15-16).

Morte do cônsul Emílio Paulo (16.9) e fuga do colega Terêncio Varrão para a cidade de Venúsia.

Regressa, mais tarde, a Roma (18.4).

Fábio é eleito Pontífice Máximo.

215 Terceiro consulado na qualidade de consul *suffectus*⁶, depois da morte do cônsul L. Postúmio Albino e da renúncia de M. Cláudio Marcelo, pois a sua eleição não foi validada pelos áugures (19.1).

214 Cônsul pela quarta vez juntamente com M. Cláudio

⁶ Substituto do cônsul que morre antes do termo da magistratura.

- Marcelo, a chamada dupla “O escudo e a espada de Roma” (19.4). Ambos defrontaram Aníbal (19. 5-6).
- 213** Q. Fábio Máximo, filho de Fábio, é eleito cônsul (24. 1-4).
- 211** Aníbal marcha sobre Roma (17.1). Cápua é reconquistada por Fúlvio e Ápio (29. (2)).
- 210** Cipião é nomeado procônsul na Hispânia (25.1).
- 209** Quinto consulado de Fábio juntamente com Q. Fúlvio Flaco. Reconquista de Tarento à traição (21-24).
- 205** Consulado de Cipião com Licínio Crasso (25.1). Morte do filho de Fábio. Encômio ao filho falecido (1.9; 24.6). Fábio tenta impedir a expedição de Cipião ao norte de África (25. 2-26).
- 204** Cipião prossegue a campanha em África e conquista as primeiras vitórias (26.3).
- 203** Aníbal abandona Itália (26.4). Morte de Fábio (27.2).
- 202** Cipião vence definitivamente Aníbal na batalha de Zama (27.1).
- 201** Tratado de paz entre Roma e Cartago.

VIDA DE FÁBIO MÁXIMO

(Página deixada propositadamente em branco)

1. Depois de expor o que foi Péricles nas acções dignas de memória, tal como as recebemos, passamos agora à história de Fábio.

2. Dizem que de uma ninfa ou, segundo outros, de uma mulher daquele sítio, que se uniu a Herácles na margem do rio Tibre, nasceu Fábio, o fundador da família dos Fábio, numerosa e notável em Roma¹. Contudo, alguns autores estabeleceram que os primeiros membros desta família se chamavam, antigamente, *Fódios* pelo facto de caçarem com buracos, pelo que ainda hoje se dá o nome de *fossae* aos buracos e *fodere* à acção de cavar; mas, com o tempo, alteraram-se as duas letras e foram apelidados de *Fábios*.

3. Muitos e grandes homens produziu aquela casa, nomeadamente Ruliano², o mais importante, que por isso era chamado Máximo entre os Romanos, sendo dele que descende, em quarta geração³, o Fábio Máximo

¹ Este dado é também testemunhado por Juvenal, *Sátiras* 8. 14.

² Q. Fábio Máximo Ruliano foi cinco vezes cônsul em 322, 310, 308, 297, 295 a.C., pelo que foi o elemento mais influente desta família no século IV a. C. Durante os seus consulados, obteve a vitória sobre os Samnitas, Apúlios, Etruscos, bem como na batalha de Sentino, em 295 a.C.

³ Reconhecida também por Plínio, *História Natural* 7.133, a genealogia em que Plutarco se baseia é a seguinte: Q. F. Máximo Ruliano foi pai de Q. F. Máximo Gurges, de quem procede Q. F. Máximo Gurges, que tem como descendente o Fábio Máximo biografado. O avô de Fábio Máximo – segundo a genealogia seguida por Plutarco – teve dois consulados em 292 e 276 a.C.; o pai de

sobre quem escrevemos a biografia. 4. Um pormenor físico valeu-lhe o apelido de *Verrugoso*⁴, pois tinha uma pequena verruga a crescer acima do lábio; o de *Ovícula*, que significa “cordeirinho”, foi-lhe atribuído graças à doçura e tranquilidade do seu carácter, quando era ainda uma criança. 5. A sua calma e silêncio, e a muita prudência com que se entregava aos prazeres infantis, a lentidão e a dificuldade com que aprendia as matérias, a complacência e a submissão para com os seus amigos, fez com que aqueles que o conheciam mal suspeitassem de alguma estupidez e preguiça. Apenas alguns distinguiam, no fundo, a firmeza, a generosidade e a coragem leonina na sua natureza. 6. Contudo, o tempo rapidamente passou e sendo despertado pela actividade política, a todos provou que a sua aparente apatia era, na verdade, impassibilidade, a precaução, prudência, e a falta de reacção e agilidade perante qualquer circunstância antes eram constância e a firmeza. 7. Observando a grandeza do Estado e as numerosas guerras, treinou o seu corpo para o combate, como uma arma natural, e o discurso como instrumento de persuasão dirigido ao povo, adequando-se perfeitamente ao seu modo de vida. 8. Não havia, no seu discurso, nem o ornamento nem a vã eloquência forense, mas a razão tomava nas suas palavras um estilo particular e uma profundidade invulgar nas sentenças,

Fábio, homónimo deste último, teria sido também cônsul em 265 a.C. Os testemunhos dividem-se quanto à paternidade de Fábio, pois enquanto uns consideram que F. Máximo Ruliano é avô (Tito Lívio 30. 26. 8), outros defendem, como Plutarco e Plínio, que é seu bisavô.

⁴ Cf. *Sobre os varões ilustres* 43. 1 e Cícero, *Bruto* 57.5.

muito semelhantes, dizem, àquelas de Tucídides. 9. Conservamos ainda, com efeito, um discurso dele proferido diante do povo: um encómio ao filho⁵ que morreu depois de ter sido cônsul.

2. Dos cinco consulados que exerceu, no primeiro conquistou o triunfo sobre os Lígures⁶. Vencidos por ele na batalha, quando muitos tinham já perdido contra eles, foram repelidos até aos Alpes, deixando de pilhar e fazer estragos na região fronteiriça à Itália. 2. Aníbal, depois de invadir a Itália e vencer a primeira batalha nas margens do rio Trébia⁷, penetrou através da Etrúria e arrasou o país, provocando em Roma consternação e um medo terrível. Sinais surgiram, alguns familiares aos Romanos como os raios, outros completamente inéditos e muito estranhos⁸. Diz-se, por exemplo, que certos escudos transpiraram, eles mesmos, sangue, que perto de Âncio se cortaram espigas de trigo ensanguentadas, que do ar caíram pedras de fogo ardentes, que sobre os Falérios⁹ se via o céu abrir-se e, nisto, caíam numerosas tabuinhas, que se espalhavam aqui e ali, numa das quais, estava

⁵ Cf. Cícero, *Da Velhice* 12-13, *Tusculanas* 3, 70, *Cartas aos Amigos* 4. 6.1.

⁶ A vitória teve lugar no ano de 233 a.C.

⁷ Em Dezembro de 218 a.C., Aníbal venceu P. Cornélio Cipião e T. Semprônio.

⁸ Estes prodígios e outros mais são mencionados por Tito Lívio 22.1, 8-12, ao contrário de Políbio, historiador racionalista, que não faz referência a estes acontecimentos. Vide o tratado de Plutarco, *Da Superstição* (164e-171f).

⁹ Cidade capital dos Faliscos, situada na zona meridional da Etrúria, actualmente designada por *Cività Castellana*.

escrito com todas as letras: “Marte agita as suas armas.”¹⁰

3. Nenhum destes prodígios impressionou Gaio Flamínio¹¹. Homem de natureza ardente e ambiciosa, exaltado pelos grandes sucessos que antes conseguira de forma imprevista, quando, apesar da ordem do Senado e da veemente oposição do seu colega de consulado, empreendeu uma guerra contra os Galos e os derrotou¹². Fábio, por sua vez, apesar de muitos terem ficado impressionados, não se deixou perturbar por aqueles sinais, dada a sua irracionalidade. 4. Informado, porém, do número reduzido de inimigos e da sua escassez de recursos, aconselhou os Romanos a ter paciência e a não fazer guerra contra um homem que comandava um exército treinado em muitos combates para aquele em concreto, e, em vez disso, a enviar ajuda aos aliados de forma a manter o controlo sobre estas cidades, deixando que a força de Aníbal se extinguísse por si mesma, como uma chama que brilha com todo o vigor até ficar pequena e fraca¹³.

¹⁰ Vide Tito Lívio 21. 11.

¹¹ Gaio Flamínio foi nomeado tribuno da plebe em 232 a.C. e era um *novus homo*, ou seja, o primeiro elemento da sua família a alcançar um lugar no Senado, tendo levado a cabo uma política agrária contrária à classe senatorial. Eleito pretor em 227 a.C., Flamínio foi o primeiro governador anual da Sicília, mas foi no seu consulado (223 a.C.) que alcançou maior notoriedade, pela sua vitória contra os Ínsubres. Nomeado depois censor em 220 a.C., foi o único defensor de Q. Cláudio em 218 a.C. na *lex Claudia*. Este acto público e a sua origem conquistaram a confiança do povo, que o elevou ao consulado em 217 a.C.

¹² A vitória teve lugar em 223 a.C., durante o seu primeiro consulado sobre os Galos. Cf. Políbio 2. 32-33; Plutarco, *Marcelo* 4. 2-6.

¹³ Imagem homérica; *Iliada* 9. 212.

3. Não convenceu, contudo, Flamínio. Este declarou que não consentiria que a guerra se aproximasse de Roma e que não faria como o antigo Camilo¹⁴, que travou um combate pela cidade dentro da mesma¹⁵, pelo que ordenou aos tribunos que mandassem sair o exército e ele mesmo saltou para o cavalo. O animal, sem causa aparente, começou a tremer de forma inesperada, assustou-se e Flamínio foi derrubado e caiu de cabeça¹⁶. Este incidente, contudo, não alterou a sua resolução e seguiu o seu primeiro impulso: ir ao encontro de Aníbal e colocar as suas tropas em linha de batalha perto do chamado lago de Trasimeno, na Etrúria¹⁷. 2. Quando os exércitos se preparavam para o combate, precisamente no momento crucial da batalha, ocorre um terramoto que arrasou cidades, desviou os rios dos seus leitos e abriu fendas nas montanhas até à base. Contudo, apesar

¹⁴ Trata-se de Fúrio Camilo, tribuno consular em 401, 398, 394, 386, 384, 381 a.C., supostamente censor em 403 e *dictator* em 396, 390, 389, 368, 367 a. C. e que conduziu uma investida contra os Gauleses em 390 a.C.

¹⁵ Cf. Tito Lívio 22. 3. 10.

¹⁶ Tito Lívio (22. 3. 11) quando menciona este episódio, refere que “o cavalo se abateu subitamente e fez cair o cônsul por cima da sua cabeça” [*equus repente corruit consulemque lapsum super caput effudit*]. É, por isso, provável que Plutarco não tenha compreendido o texto latino. O biógrafo reconheceu, com efeito, estas limitações em *Demóstenes* 2. 2-3, recordando que quando se encontrava em Roma não tinha tempo para se dedicar ao estudo da língua latina pois tanto os afazeres públicos como os que buscavam os seus conhecimentos de filosofia absorviam todo o tempo. Só mais tarde, pôde começar a estudar a literatura romana.

¹⁷ O combate teve lugar na Primavera de 217 a.C., no dia 21 de Junho, segundo Ovídio, *Fastos* 6. 765-768.

da violência do fenómeno, nenhum dos combatentes se apercebeu¹⁸. 3. Flamínio, depois de ter dado provas de muitos actos de audácia e coragem, morreu e, com ele, os melhores homens. Os restantes entregaram-se à fuga e houve grande mortandade: quinze mil foram talhados em pedaços e outros tantos foram feitos prisioneiros¹⁹. Aníbal, querendo dignificar o corpo de Flamínio com ritos fúnebres e prestar-lhe honra pelo seu valor, não o encontrou, entre os cadáveres, e jamais souberam como desapareceu²⁰.

4. A derrota ocorrida junto ao rio Trébia, nem o general que escreveu a notícia, nem o mensageiro enviado, a anunciaram claramente, tendo mentido, dizendo que a vitória tinha sido controversa e duvidosa²¹. Contudo, assim que o pretor Pompónio teve conhecimento desta notícia, reunindo o povo em assembleia geral e sem perífrases ou mais rodeios, avançou e disse abertamente: 5. “Romanos, fomos vencidos numa grande batalha²²; o exército foi destruído e o cônsul Flamínio morreu. Deliberai agora sobre a vossa salvação e segurança.” 6. Esta declaração lançada sob uma multidão tão ingente, como um furacão no mar, espalhou a desordem na cidade, e diante de tamanho terror, as faculdades racionais não se puderam conservar ou manter firmes. 7. Nisto, todos

¹⁸ Cf. Tito Lívio 22.5.8.

¹⁹ Estes números coincidem com os de Políbio 3.84-85 e Tito Lívio 22.7, 2-5, menciona o número de mortos, mas não refere prisioneiros.

²⁰ Cf. Tito Lívio 22.7.5 e Valério Máximo 1.6.6, que fazem também referência ao desaparecimento do corpo.

²¹ Cf. Políbio 3.75.

²² Cf. Tito Lívio 22.7.8 e Políbio 3.85.7.

chegaram a um acordo: a situação exigia uma autoridade e o poder de um só, o que chamam de ditadura²³, e um homem que o exercesse sem hesitação e com segurança; e este homem só podia ser Fábio Máximo, que possuía a sabedoria, e a nobreza de carácter à altura daquele cargo, além de que estava na idade em que o vigor do corpo suporta as resoluções do espírito e em que a audácia se alia à prudência.

4. Tomada esta decisão, Fábio, nomeado ditador²⁴, designou ele próprio Marco Minúcio²⁵ para a função de comandante da cavalaria²⁶. O primeiro pedido que fez

²³ Vide “Introdução Geral”, n. 5.

²⁴ Neste caso, o título seria, em rigor, *prodictator*, pois a nomeação foi feita pelo voto popular nos *comitia centuriata*. Outros testemunhos como Tito Lívio 22.8 e Políbio 3. 87. 6-9 não atribuem a eleição do ditador ao povo. Com efeito, só um magistrado com *imperium* (cônsul, pretor ou *interrex*) tinha o poder de nomear, em público (*dictatorem dicere*) e com autorização prévia do Senado, o ditador ou *magister populi*. Contudo, não era possível fazer as eleições por esta via, pois um cônsul, Gaio Flamínio, tinha morrido em combate enquanto o seu colega, o cônsul Servílio, estava ausente de Roma. Semelhante à monarquia (Cícero, *República* 2. 59), raramente se recorria a esta forma de governo, sendo usada apenas em situações de crise militar, pois o eleito detinha poder absoluto sobre as instituições políticas, ainda que fosse apenas por seis meses.

²⁵ M. Minúcio Rufo tinha sido nomeado cônsul em 221 a.C. em conjunto com P. Cipião Ásina. Morrerá, no ano seguinte na batalha de Canas (216 a.C.).

²⁶ O relato de Plutarco diverge daquele de Tito Lívio (22.8.7) e de Políbio (3.87.9). Com efeito, ambos os historiadores dizem que foi o povo quem elegeu o *magister equitum* juntamente com o ditador. Como refere, a propósito desta eleição, o historiador GOLDSWORTHY (2007: 44): “Normalmente, o ditador escolhia o seu chefe da Cavalaria, mas, nas excepcionais circunstâncias em

ao Senado foi o poder ir a cavalo durante as expedições militares. 2. Ele não tinha, com efeito, este direito: uma antiga lei o proibia, seja porque consideravam a infantaria a força principal do seu exército e julgavam que o general devia permanecer junto da falange, não a podendo abandonar, seja porque o poder que o cargo, lhe concede é enorme e tem todas as características da tirania, e é suposto que ao menos nisto pareça que o ditador está subordinado ao povo.

3. Com efeito, o próprio Fábio, querendo logo mostrar a grandeza e a majestade do cargo, de forma a tornar mais dóceis e obedientes os cidadãos, saiu a público com vinte e quatro lictores reunidos à sua volta²⁷. Assim, quando o outro cônsul ia ao seu encontro, enviou o seu ajudante e ordenou-lhe que mandasse embora os lictores, deixasse as insígnias daquele cargo e se apresentasse como um cidadão comum.

4. Depois disto, inaugurou o cargo com o mais belo princípio, começando pelos deuses, dando a entender ao povo que a derrota tinha ficado a dever-se

que Fábio foi eleito, foi decidido conceder também aos eleitores o direito de escolher o seu subordinado.” Este título pode ser um vestígio dos tempos arcaicos da história de Roma, quando a maioria do exército correspondia à falange hoplita, e, enquanto o ditador comandava a infantaria pesada, o subordinado, *magister equitum*, dirigia a cavalaria. Tal como o do *dictator*, este cargo tinha também um carácter temporário, terminando com o fim da ditadura. Sobre os problemas associados às eleições de 217 a.C., vide SUMNER (1975).

²⁷ A cada cônsul era permitido ter doze lictores, mas o ditador, como concentrava em si todo o *imperium*, teria direito a vinte e quatro, símbolo de um poder pleno equivalente a dois cônsules. Sobre este episódio, cf. Tito Lívio 22.11.5-6.

à negligência e ao desprezo do general pelos deuses, e não à incapacidade dos combatentes; exortou-o a não temer os inimigos, encorajando-o antes a apaziguar e honrar os deuses²⁸. Não para alimentar a superstição, mas para fortalecer com a piedade e a coragem, e, com as esperanças postas nos deuses, apagar o medo dos inimigos, reconfortando-os. 5. Recorreu-se, então, a muitos livros secretos utilizados pelos Romanos, que se chamavam sibilinos²⁹ e diz-se que algumas das profecias que aí constavam se reportavam a situações e a acontecimentos de então. 6. A nenhuma outra pessoa era permitido saber o que lá se lia, à exceção do ditador. Este, apresentando-se diante da multidão, fez o voto de oferecer aos deuses tudo quanto se produzisse na Itália inteira, entre cabras, porcos, reses e bois, tanto nas montanhas como nas planícies, nos rios e pradarias, na Primavera seguinte³⁰; de celebrar espectáculos musicais e cénicos³¹ no valor de trezentos e trinta e três sestércios e trezentos e trinta e três denários

²⁸ Cf. Tito Lívio 22. 9. 7 e Políbio 3.88.7.

²⁹ Designados também de *Livros do Destino* (*libri fatales*), os Livros Sibilinos eram uma colectânea muito antiga de oráculos gregos provenientes, segundo a lenda, da Etrúria e de Cumas, na Campânia, sendo na realidade uma herança etrusca. A leitura destes livros permitia conhecer a vontade divina e era solicitada em alturas de grande infortúnio, tendo tal acontecido pela primeira vez em 436 a.C. No tempo de Fábio Máximo, a consulta destes livros era exclusiva de um colégio, o grupo dos *Decemviri sacris faciundis*.

³⁰ Trata-se do *Ver sacrum* (“Primavera sagrada”), prática religiosa itálica que consistia na consagração aos deuses, em momentos de crise, de tudo o que nascesse na Primavera seguinte.

³¹ Segundo Tito Lívio (22.10.7), tratavam-se dos *Ludi Magni*, oferecidos em honra de *Jupiter Optimus Maximus*.

e ainda um tritartemórion³², soma que hoje equivale a oitenta e três mil, quinhentas e oitenta e três dracmas e dois óbolos. 7. É, com efeito, difícil dizer qual a razão da exactidão e da minúcia deste montante, a não ser que, porventura, quisesse enaltecer o valor do número três, já que é ele, por natureza, o número perfeito: o primeiro dos números ímpares, o princípio causal da pluralidade, reúne em si mesmo as primeiras diferenças e os elementos de todos os números, combinando-os, e harmonizando-os numa união conjunta³³.

5. Ao levantar o ânimo da multidão por meio da religião, Fábio inspirou mais confiança no futuro. Com efeito, colocando em si mesmo todas as esperanças na vitória, convencido de que os deuses concedem os sucessos mediante o valor e a sabedoria, irá ao encontro de Aníbal, não com a intenção de combater, mas decidido a desgastar e consumir a sua força com o tempo, a falta de recursos dele com o seu dinheiro, e a falta de homens daquele com a abundância deles da sua parte³⁴. 2. Por esta razão, ficava sempre nas alturas, acampando em zonas montanhosas, longe do alcance da cavalaria inimiga, tranquilo quando o inimigo estava calmo, e, quando este se movia, andava às voltas sem deixar os pontos altos, mostrando-se à distância e de

³² Moeda de prata que equivale a três quartos de um óbolo e a um oitavo de um dracma. Cf. Pólux 9.65.

³³ Sobre o interesse de Plutarco pelo número três, vide *Obras Morais* 288 D, 374 A, 738 F, 744 F, 1020 D.

³⁴ É esta a estratégia que celebrou Fábio como *Cunctator*, o contemporizador. Cf. Políbio 3, 82, 4 e Tito Lívio 22.3, 8-9.

forma a não apresentar combate sem querer e, com a espera, fomentar o medo nos inimigos como se fosse apresentar combate a qualquer momento.

3. Contudo, por deixar o tempo passar, era criticado por todos. Falava-se mal dele no acampamento e, entre os inimigos, era visto como covarde e inútil; à exceção de Aníbal. 4. Era este o único que reconhecia a habilidade e a forma como ele conduzia a guerra, convencido de que ou o obrigava a combater por meio de qualquer estratégia ou pela força ou, caso contrário, estaria perdida a causa dos Cartagineses. Como não podiam servir-se de armas que os tornariam mais fortes e, sendo inferiores em homens e dinheiro, via os seus recursos diminuírem e esgotarem-se em vão. Aníbal recorreu a todo o tipo de estratégias e manobras, fazendo constantes intentos, como um hábil atleta que procura a ocasião para atacar: aproximava-se, criava confusão e procurava atrair Fábio para diversos lugares, querendo que ele desistisse da tática que garantia a sua segurança. 5. Contudo, como este estava convencido da sua utilidade, a sua resolução permanecia fiel e inalterável. Importunava, porém, Minúcio, o comandante da cavalaria, que, sedento de combate, com impertinência procurava seduzir os soldados, encorajando-os para um acto tresloucado, enchendo-os de vãs esperanças. Assim, estes faziam pouco e desprezavam Fábio, chamando-o de pedagogo³⁵ de Aníbal, e a Minúcio, por sua vez,

³⁵ Esta acusação era especialmente ofensiva, pois indicava uma relação de subordinação e inferioridade. O pedagogo era o escravo que tinha a missão de acompanhar a criança à escola e vigiá-la onde quer que ela estivesse. Cf. Tito Lívio 22.12.11-12.

viam-no como um grande homem e um general digno de Roma. 6. Este, deixando-se levar pelo orgulho e pela insolência, ridicularizava o facto de ter acampado nas alturas, dizendo que deste modo o ditador oferecia bons lugares para assistir ao belo espectáculo de uma Itália devastada e queimada; e perguntava aos amigos de Fábio se, com tanto subir, pretendia levar o exército para o céu, como se tivesse já desistido da terra, ou se, para escapar aos inimigos, lhes atiraria nuvens e neblinas. 7. Quando os amigos contaram a Fábio estas notícias e o aconselharam a libertar-se destas afrontas com uma empresa arriscada, ele respondeu: “Assim, certamente”, disse, “parece-me que seria mais cobarde do que agora pareço se, por temer sarcasmos e injúrias, deixasse cair a minha estratégia. 8. Além disso, não é vergonhoso temer pela pátria e não me parece digno de um homem de tamanho cargo deixar-se influenciar pelas calúnias e censuras dos homens, mas antes próprio do escravo que se submete aos insensatos, sobre os quais ele deve ser chefe e mestre”³⁶.

6. Algum tempo depois, Aníbal cometeu um erro³⁷. Querendo levar o seu exército para bem longe de Fábio e ocupar as planícies que tivessem pasto, ordenou aos guias que, depois do jantar, o conduzissem até à região de Casino. 2. Estes, porém, não entenderam bem a ordem por causa da sua pronúncia bárbara e levaram-no até aos limites

³⁶ Cf. Plutarco, *Obras Morais* 195 C e *Marcelo* 9.7; Diodoro 26.3.

³⁷ Para os assuntos narrados neste capítulo 6, cf. Tito Lívio 22. 13-17 e Políbio 2.92-94.

da Campânia e fizeram o exército entrar nas imediações de Casilino, região que dividia em duas metades o rio Lótrono, que os Romanos chamavam de Volturmo³⁸. 3. A região está coroada de montanhas por todos os lados, menos por um, abrindo-se um canal para o mar, onde se revela um rio que forma pauis e tem profundos bancos de areia que culminam numa praia com forte ondulação e de difícil acesso. 4. Quando Aníbal descia por ali, Fábio deu uma volta, e aproveitando o facto de conhecer bem os caminhos, bloqueou a saída dispondo lá quatro mil homens da infantaria; depois, tendo colocado o resto do seu exército num lugar estratégico nos pontos mais altos, ataca, com as tropas mais ligeiras e melhor organizadas, a retaguarda do inimigo, gerando confusão em todo o exército e matando cerca de oitocentos combatentes. 5. Aníbal, querendo bater em retirada com o exército dali para fora, reconheceu o erro e o perigo daquele lugar, crucificou os guias, mas renunciou empreender uma luta contra os inimigos, pois eram superiores nas zonas altas. 6. Vendo os soldados desanimados e temerosos por pensarem que estavam cercados por todos os lados e sem escapatória, Aníbal arquitetou um arдил para enganar os inimigos³⁹. O estratagema era o seguinte: mandou recolher cerca de dois mil bois entre os despojos, atando a cada corno uma tocha, um feixe de vime de sarça ou de mato seco. Mais tarde, quando a noite sobreveio, acenderam as tochas e conduziram os bois

³⁸ Cf. Tito Lívio 22.13.5-6.

³⁹ Cf. Tito Lívio 22.16.17 e Políbio 3.93-94.

até às alturas, em direcção aos desfiladeiros e aos vigias dos inimigos. 7. Enquanto uns recebiam ordens para fazer os preparativos necessários, ele mesmo colocou em marcha o resto do exército, já na escuridão, fazendo-os avançar lentamente.

Os bois, enquanto o fogo era fraco e ardiam apenas as ramas, avançavam lentamente, sendo conduzidos até ao cume das montanhas: os fogos que brilhavam no alto dos cornos constituíam um espectáculo para pastores e boieiros que observavam do alto, pensando que era um exército que marchava ordenado à luz de muitas tochas. 8. Mas quando o fogo queimou as hastes e atingiu a raiz dos cornos, então sentiu-se o odor a carne, as reses dispersaram-se, sacudindo as cabeças, pegaram fogo umas às outras e já não se mantiveram na ordem em que caminhavam. Aterrorizadas e flageladas pela dor, lançaram-se em corrida pelos montes abaixo, com os rabos e a testa em chamas, e no mato, por onde fugiam, espalhavam o fogo. 9. Horrível era a visão para os Romanos que vigiavam as zonas mais altas. De facto, as chamas pareciam tochas carregadas por homens correndo, e com isto instala-se entre eles muita confusão e pânico, pois acreditavam que os inimigos viriam de todos os lados e que estavam cercados por toda a parte; por isso, não ousaram permanecer nos seus postos, e retirou-se a maior parte do exército, abandonando os desfiladeiros.

10. Neste momento, as tropas ligeiras de Aníbal alcançam e ocupam as alturas, enquanto o resto do exército avança sem temor, arrastando consigo um volumoso e pesado despojo.

7. Ainda durante a noite, Fábio apercebeu-se do ardil, pois alguns bois, que se dispersaram durante a fuga, foram cair nas suas mãos; mas porque temia alguma emboscada, não avançou e manteve o seu exército em alerta. 2. Quando nasceu o dia, começou a perseguição e atacou a retaguarda do inimigo. Ocorreram confrontos em terrenos acidentados e o tumulto foi grande, até que da parte de Aníbal foram enviados os ágeis e rápidos Iberos⁴⁰, treinados para subir montanhas, que atacaram a pesada infantaria dos Romanos, e, depois de matarem alguns homens, obrigaram Fábio a recuar⁴¹.

3. Este recebe, então, as piores imprecações e desprezo⁴². Ao renunciar à audácia das armas, de forma a fazer guerra à força de prudência e previsão, foi ele quem, afinal, saiu derrotado por estas e vítima da sua própria estratégia⁴³.

4. Aníbal, querendo incendiar ainda mais a ira dos Romanos contra ele, quando se aproximou das suas terras, ordenou que destruíssem e queimassem todas as outras, mas proibiu que tocassem nos campos de Fábio – e apenas nestes⁴⁴ – e colocou mesmo aí um vigia que não permitisse qualquer dano ou ataque.

⁴⁰ Designação étnica de um dos primitivos povos da Hispânia. No final do século V a.C., os Iberos eram conhecidos como mercenários: habituados às adversidades das montanhas, caracterizavam-se pela sua agilidade e rapidez e correspondiam à maior parte do exército de Aníbal.

⁴¹ Cf. Políbio 3.94. 6.

⁴² Cf. Políbio 3.94. 8.

⁴³ Cf. Tito Lívio 22.23.4.

⁴⁴ O mesmo sucedeu ao primeiro elemento deste par de *Vidas*, Pérciles (33.2).

5. Quando estas notícias chegaram a Roma, aumentaram as calúnias contra Fábio. Os tribunos da plebe não paravam de gritar contra ele diante da multidão. Quem os incitava e provocava ainda mais era Metílio, não por ódio pessoal contra Fábio, mas por ser parente de Minúcio, o comandante da cavalaria, e por pensar que aquelas maledicências traziam a este último honra e glória. Acontece que também o Senado estava irado contra ele e o censurava sobretudo por causa do acordo que tinha firmado com Aníbal em relação aos cativos de guerra: tinham acordado entre si trocar homem por homem dos prisioneiros, e a dar-se o caso de um ter mais do que o outro, pagar por cada um dos capturados duzentas e cinquenta dracmas. 6. Com efeito, realizadas as permutas de homens, descobriu-se que duzentos e quarenta romanos⁴⁵ estavam em poder de Aníbal, pelo que o Senado decidiu não enviar o montante e culpou Fábio pelo facto de, sem olhar à honra nem ao interesse, querer resgatar soldados tão cobardes que se deixaram capturar pelo inimigo. 7. Fábio, tendo conhecimento da recusa, suportou, pacientemente, a ira dos cidadãos. Assim, como não tinha riquezas, mas tampouco queria faltar à palavra a Aníbal ou abandonar os seus concidadãos, enviou o seu filho a Roma, ordenou-lhe que vendesse as terras⁴⁶ e que lhe remetesse o dinheiro o mais rápido possível para o acampamento.

8. Quando o jovem vendeu as terras e regressou, Fábio enviou a importância a Aníbal e recuperou os

⁴⁵ Cf. Tito Lívio 22.23.7.

⁴⁶ Cf. supra 7.2.

cativos. Mais tarde, muitos quiseram devolver-lhe a quantia, mas não aceitou da parte de ninguém e perdeu a todos.

8. Pouco tempo depois, os sacerdotes chamaram-no a Roma para alguns sacrifícios; entregou as forças a Minúcio, proibindo-o expressamente de oferecer guerra ou confrontar-se com o inimigo, não só na qualidade de ditador, mas fazendo também muitas exortações e pedidos⁴⁷. 2. Ele, porém, não os levou em conta e atacou logo o inimigo. Certo dia, tendo reparado que Aníbal tinha enviado a maior parte do exército para recolher provisões, atacou aqueles que tinham permanecido no acampamento, empurrou-os para dentro da paliçada, matou um número não pequeno, e aterrorizou todos aqueles que estavam cercados por ele. 3. Nisto, enquanto Aníbal reunia de novo as suas forças para o acampamento, retirou-se de forma segura. Tal sucesso encheu-o a ele e aos soldados, de uma soberba desmedida e de insolência.

4. Rapidamente se espalhou em Roma uma fama maior do que a própria acção. Fábio, tomando conhecimento do sucedido, disse que temia mais o sucesso de Minúcio do que o insucesso. O povo, porém, exaltou-se e, alvoraçado, reuniu-se no fórum. Metílio, tribuno da plebe, quando subiu à tribuna, discursou enaltecendo Minúcio e acusando Fábio, não de brandura ou cobardia, mas já de traição. Culpava, ao mesmo tempo, os mais poderosos e importantes

⁴⁷ Cf. Tito Lívio 22.18. 8-10; Políbio 3.94.9.

entre os Romanos pela forma como a guerra tinha sido conduzida, determinando a ruína do povo desde o início, lançando directamente a cidade para um poder único sem controlo; e Fábio, por sua vez, perdendo tempo na sua estratégia, oferecera a Aníbal comodidade e tempo para trazer novas forças da Líbia, como se fosse dono de Itália⁴⁸.

9. Fábio apareceu diante de todos e não procurou defender-se do tribuno e disse apenas que era necessário celebrar o quanto antes os sacrifícios⁴⁹ e as cerimónias religiosas, de forma a regressar ao acampamento e impor a Minúcio o castigo por ter apresentado batalha aos inimigos, contra a sua proibição. Espalhou-se então pelo povo um grande tumulto, por causa do risco que ameaçava Minúcio. Com efeito, como o ditador tinha o direito de prender e condenar à morte sem julgamento prévio, pensavam que o espírito de Fábio, agora sem a sua mansidão, se tornaria inflexível e implacável⁵⁰. Assim, todos os outros, assustados, fizeram silêncio, mas Metílio, graças à imunidade que detinha enquanto tribuno – é a única magistratura que não perde o poder quando é eleito o ditador, conservando-o enquanto que os outros são dissolvidos – perseguia insistentemente o povo e pedia-lhe que não abandonasse Minúcio nem o deixasse sofrer o que Mânlio Tórquato⁵¹ fez

⁴⁸ Cf. Tito Lívio 22.25.3-11.

⁴⁹ Cf. Tito Lívio 22.18.8 e Políbio 3.94.9.

⁵⁰ Cf. Tito Lívio 22.25.2 e Plutarco, *Obras Morais* 195 C.

⁵¹ T. M. Imperioso Torquato teve uma carreira política fulgurante, tendo sido o membro mais influente da sua família no

a seu filho, que, apesar de estar triunfante e coroadado de louros, cortou-lhe o pescoço com um machado; que retirasse a tirania a Fábio e transferisse os assuntos públicos para quem podia e queria salvá-los. 3. Exaltada com estes discursos, a multidão não se atreveu a pedir a Fábio que depusesse o poder absoluto, apesar da sua impopularidade. Ao invés, no que a Minúcio diz respeito, decretou, por votação, que o cargo de general se equiparava ao de chefe e actuava na guerra com a mesma autoridade que o ditador. 4. Com efeito, esta situação nunca se tinha dado antes em Roma, e repetiu-se mais tarde aquando do desastre de Canas.

Então, quando Marco Júnio, o ditador, estava à frente do exército, na cidade, nomearam como segundo ditador Fábio Butéon⁵², de forma a completar o Senado, já que muitos senadores tinham morrido na batalha. 5. A única diferença foi que este, depois de eleito, tão depressa quanto nomeou membros e completou o Senado, no mesmo dia, despediu os lictores, livrou-se da sua escolta e, misturando-se no meio da multidão, com ela se confundiu, e, como um particular, regressou

século IV: tribuno militar em 361 a.C., três vezes ditador (353, 349, 320 a.C.), foi também cônsul por três vezes em 347, 344, 340 a.C. Um dos episódios mais conhecidos com ele relacionado diz respeito à condenação do seu filho Tito Mânlio à morte por ter avançado contra o inimigo, contra as suas ordens. Apesar de o filho ter derrotado o inimigo em 340 a.C., não deixou de lhe aplicar a pena de morte. Cf. Tito Lívio 8.7.

⁵² Cf. Tito Lívio 23, 22, 10. M. Fábio Butéon foi eleito cônsul em 245 a.C. e censor em 241 a.C. Após o desastre da batalha de Canas, como era o censor mais antigo, foi eleito ditador no final desse ano (216 a.C.) de forma a reunir poderes para completar o Senado.

ao fórum para controlar e tratar dos seus próprios negócios⁵³.

10. Depois de terem atribuído a Minúcio as mesmas funções do ditador, julgavam ver Fábio diminuído e humilhado, mas não conheciam bem este homem. 2. Com efeito, não considerava desgraça sua a ignorância dos outros, mas antes agia como o sábio Diógenes⁵⁴ quando alguém lhe disse “Este riem-se de ti”, e ele respondeu “mas eu, não me rio”, pois entendia que os únicos que eram alvo de riso eram aqueles que fraquejavam e se deixavam perturbar perante tais situações. Do mesmo modo, Fábio suportou os seus ultrajes, impassivelmente e com serenidade, de forma a servir de exemplo aos filósofos que sustentam que não é possível insultar ou desonrar o homem bom e virtuoso. 3. Lamentava, contudo, a irreflexão das massas em relação ao interesse público, já que tinham proporcionado oportunidades de guerra à insana ambição daquele homem. 4. E, temendo que Minúcio, completamente desequilibrado pela sua vanglória e orgulho, se apressasse a fazer algum disparate, saiu escondido de todos. 5. Com efeito, ao chegar ao acampamento, constatou que Minúcio já não era controlável, pois, insolente e arrogante, exigia o comando alternado do exército⁵⁵.

⁵³ Cf. Tito Lívio 23.22.10 e 23.

⁵⁴ Trata-se de Diógenes de Sinope (ca. 412/403- ca. 324/321 a.C.), famoso Cínico. Vide HALLIWELL (2008: 375-81).

⁵⁵ Esta resolução confere a Minúcio Rufo o título de co-ditador, colocando Fábio Máximo numa situação ambígua. O mesmo se repete com Fábio Butéon, depois da batalha de Canas, facto referido mais adiante (9. 4-5).

Este, porém, não aceitou, tendo dividido com ele as forças, de forma a controlar uma das partes, que era melhor do que comandar todo o exército de forma alternada. 6. Tomou para si a primeira e quarta legiões e entregou àquele a segunda e a terceira, repartindo por igual as tropas aliadas⁵⁶. 7. Minúcio estava muito jactante e contente porque o fausto do cargo mais elevado foi rebaixado e ultrajado por sua causa. Nisto, Fábio recorda-o de que o seu combate não era contra Fábio, mas sim contra Aníbal, se era sensato, e que, se queria competir com o seu colega, se preocupasse então em evitar que aquele que tinha sido honrado e saído vitorioso diante dos cidadãos parecesse cuidar menos da segurança e estabilidade deles do que aquele que tinha sido vencido e ultrajado.

11. Pretensões senis, lhe pareciam estas advertências. Tomou a parte do exército que lhe coube em sorte e acampou à parte e noutra lugar⁵⁷. Aníbal não ignorava nada do que acontecia, e prestava atenção a todas as movimentações. Entre Cartagineses e Romanos havia uma colina ao meio, que não era difícil de tomar, mas que uma vez ocupada seria uma posição forte para

⁵⁶ Segundo Políbio (3.103.5-8), Fábio Máximo permitiu que Minúcio escolhesse uma das duas possibilidades e este escolheu a que Plutarco atribui a Fábio. Este relato coincide com Tito Lívio 22.27, mas difere do mesmo no que respeita às escolhas das legiões, pois aquelas que Plutarco atribui a Fábio, são as mesmas que Tito Lívio diz terem sido escolhidas por Minúcio.

⁵⁷ Os dados dos capítulos 11 e 12 coincidem com os testemunhos de Tito Lívio 22.28-29 e Políbio, 3.104-105.

um acampamento e suficiente para todas as precisões⁵⁸. 2. A planície que a rodeava, vista de longe, parecia uniforme por ser calva e lisa, mas havia nela alguns fossos não profundos e também covas. Apesar de ser possível tomar, com facilidade e de forma secreta, a colina, Aníbal não o quis fazer, mas deixou-a no meio como pretexto para desencadear o combate. 3. Quando viu Minúcio separado de Fábio, espalhou, durante a noite, alguns soldados pelos fossos e pelas covas⁵⁹, e no dia seguinte enviou ostensivamente não muitos para tomar a colina, de forma a atrair Minúcio para se encontrarem naquele lugar. 4. E assim sucedeu. Primeiro, este enviou a infantaria ligeira, depois a cavalaria, e, por último, vendo que Aníbal vinha em socorro daqueles que se encontravam na colina, acabou por pôr todo o exército em ordem de batalha.

5. Desencadeou-se um violento combate e os Romanos defendiam-se dos soldados cartagineses que atacavam a partir do alto da colina; o combate permanecia incerto, até que Aníbal, vendo que Minúcio caíra bem na armadilha, e que tinha retaguarda descoberta, vulnerável ao ataque inimigo, fez sinal. 6. Nisto, estes soldados levantaram-se, ao mesmo tempo, de muitos lugares e com gritaria atacaram e foram matando os que estavam nas últimas filas. A desordem e o terror

⁵⁸ Para uma versão mais detalhada, vide Políbio 3.104 sqq. e Tito Lívio 22.28 sqq.

⁵⁹ Segundo Tito Lívio (22.28), tratava-se de cinco mil cavaleiros e soldados a pé, enquanto Políbio (3.104) faz referência a cinco mil homens armados e outra infantaria, além de quinhentos elementos de cavalaria.

que se apoderaram dos Romanos eram indescritíveis e a audácia do próprio Minúcio caiu por terra. Ele não fazia mais do deitar um olhar inquieto a cada um dos seus oficiais; nenhum se atrevia a permanecer no seu posto, lançavam-se numa fuga sem salvação possível. 7. Os cavaleiros Númidas, que já dominavam a situação, andavam em círculo na planície e matavam os que fugiam.

12. Os Romanos encontravam-se numa situação de desgraça, mas o perigo não escapou a Fábio. Com efeito, prevendo, como parece, o que ia acontecer, tinha já colocado as suas forças em linha de batalha e providas de armas; preocupava-se em saber o que se passava, não por meio de mensageiros, mas tendo ele próprio uma atalaia diante da paliçada. 2. Quando viu que o exército estava cercado e em desordem e ouviu os gritos daqueles que, não mais resistindo, se lançavam em fuga aterrorizados, bateu na coxa⁶⁰ e, suspirando profundamente, disse para aqueles que estavam perto de si: “Por Hércules! Como Minúcio se perdeu mais rápido do que eu esperava, mas já tarde para o que foi a sua precipitação!”. 3. Em seguida, mandou o exército desenrolar os estandartes o mais rápido possível, ordenou que o seguissem e gritou: “Agora, soldados, que cada um, recordando Marco Minúcio, corra em sua ajuda, pois é um homem corajoso e um patriota, e se com a sua precipitação em expulsar o inimigo cometeu algum erro, logo lhe pediremos contas.” 4. Com efeito, assim que apareceu, afugentou

⁶⁰ Gesto peculiar ao herói homérico. Cf. *Iliada* 16.124-5.

e dispersou os cavaleiros Númidas, que cercavam a planície; atacou depois aqueles que combatiam e estavam na retaguarda dos Romanos e matou aqueles que resistiam; os restantes, por sua vez, antes de sofrer e receber em troca o mesmo que eles tinham infligido aos Romanos, cederam e puseram-se em fuga. 5. Aníbal, vendo a mudança da situação e que Fábio, com um vigor superior à sua idade, empurrando, abria caminho no meio dos combatentes, para subir a colina em socorro de Minúcio, suspendeu o combate. Com a trombeta, deu sinal de retirada, fez voltar os Cartagineses à paliçada e, contentes, regressaram também os Romanos. 6. Diz-se que, na volta, o próprio Aníbal disse aos seus camaradas, em tom jocoso, algo semelhante sobre Fábio: “Não vos tinha já eu avisado, várias vezes, que essa nuvem que pendia sobre os cumes, um dia, haveria de rebentar em granizo e tempestades?”⁶¹.

13. Depois da batalha, Fábio despojou todos os inimigos que tinha matado e retirou-se sem proferir palavra alguma, insolente ou ofensiva, sobre o seu colega. Quanto a Minúcio, reuniu o seu exército e 2. disse: “Soldados, o não errar em grandes empresas está acima da condição humana. Contudo, errar e aproveitar os insucessos como lição para o futuro, isso é próprio do homem bom e sensato. 3. Na verdade, eu confesso que se, por alguns motivos, me queixo da fortuna, mais razões tenho para a bendizer. O que, em tanto tempo, não me dei conta, num instante de um

⁶¹ Cf. Tito Lívio 22.30.10 e Plutarco, *Obras Morais* 195 D.

só dia o aprendi: reconheci que não tenho capacidade para mandar nos outros, mas preciso que outro mande em mim, e não devo aspirar a vencer aqueles para quem é mais belo ser derrotado.

4. Para vós, daqui em diante, não haverá outro chefe além do ditador; mas como forma de gratidão para com ele, eu mesmo irei à vossa frente para lhe demonstrar o nosso reconhecimento, assegurando-lhe que serei o primeiro a obedecer-lhe e a cumprir o que ele me ordenar”. 5. Depois destas palavras, ordenou que se erguessem as águias e que todos o seguissem, levou o seu exército para a paliçada de Fábio e caminhou em direcção à tenda do general, perante a admiração e espanto de todos. 6. Quando Fábio saiu, Minúcio, colocou diante de si os estandartes e chamou-o de pai em alta voz. Os soldados saudavam os de Fábio como patronos, título que os libertos atribuem a quem os libertou.

7. Feito silêncio, Minúcio disse: “Duas vitórias, ó ditador, conquistaste neste mesmo dia: uma face a Aníbal, pela tua coragem, e outra face ao teu colega pela prudência e bondade. Se com uma nos salvaste, com a outra a todos nos deste uma lição. Vítimas de uma vergonhosa derrota face a Aníbal, mas bela e libertadora face a ti. 8. Como um pai benévolo te saúdo, pois não tendo outro título mais honroso, já que maior do que a gratidão devida a um pai é a gratidão que eu te devo. Daquele recebi apenas a vida, enquanto de ti recebi a salvação, como muitos

outros⁶²". 9. Depois destas palavras, acercou-se de Fábio e abraçou-o. O mesmo se via fazerem os soldados: abraçavam-se e beijavam-se uns aos outros, de tal modo que o acampamento estava pleno de júbilo e de lágrimas de alegria⁶³.

14. Depois desta campanha, Fábio depôs o cargo e designaram-se novos cônsules⁶⁴. Destes, os primeiros nomeados continuaram a mesma tática bélica: evitar combater com Aníbal em batalha campal, ir em socorro dos aliados para prevenir revoltas⁶⁵. 2. Contudo, quando Terêncio Varrão⁶⁶ foi elevado a cônsul, de família nada ilustre, ficou conhecido pela sua atitude demagógica e temerária. Era evidente que, pela sua inexperiência e excesso de ousadia, iria arriscar, como quem joga um dado, o destino do Estado. Gritava nas assembleias que a guerra ia continuar, enquanto a cidade se servisse de Fábio como generais e que, num mesmo dia, ele veria e venceria os inimigos. 3. Ao mesmo tempo que dizia isto, reunia e alistava um exército tão grande como nunca antes os Romanos tinham utilizado contra nenhum inimigo: oitenta e oito mil⁶⁷ foram os homens dispostos

⁶² Estes dois discursos de Minúcio constam já em Tito Lívio 22.29 e 30.

⁶³ Cf. Tito Lívio 22.29.7-11 e 30.1-7.

⁶⁴ Os cônsules Gneu Servílio Gémino e M. Atílio Régulo recuperam o poder.

⁶⁵ Cf. Tito Lívio 22.32.1-3.

⁶⁶ Cônsul em 216 a.C. Tito Lívio (22.25) refere que seu pai era talhante e que se ocupava do pequeno comércio.

⁶⁷ Políbio 3.107.9 faz referência a oito legiões de 5000 homens cada, às quais se juntaram os aliados.

para a batalha. Este era um motivo de grande temor para Fábio e para os Romanos sensatos, pois não tinham esperança de que a cidade recuperasse se uma derrota fizesse perder tamanha juventude. 4. Fábio dirigiu-se ao colega de Terêncio, Paulo Emílio, homem de experiência militar que não era grato ao povo e estava receoso em relação à plebe, na sequência de uma condenação que lhe fora atribuída num processo contra o Estado⁶⁸. Fábio incitava-o e encorajava-o a refrear a loucura do colega, 5. Advertiu-o de que a sua luta pela pátria não seria tanto contra Aníbal quanto contra Terêncio, pois apressavam-se ambos para a batalha, um por não estar ciente da força do inimigo e o outro por estar ciente da fraqueza da sua posição. 6. “Eu, Paulo”, disse Fábio, “mereço, no que toca à questão de Aníbal, mais crédito do que Terêncio, e asseguro-te que, se ninguém lhe apresentar batalha este ano, ele sucumbirá se permanecer ou fugirá e abandonará a Itália; pois mesmo agora que nos parece ter vencido e dominado a situação, nenhum dos seus inimigos passou para o seu lado e das forças da pátria não sobrarão, no total, nem sequer um terço.” 7. A isto, dizem que Paulo respondeu: “Para mim, Fábio, se olho pelos meus interesses, é melhor cair debaixo das lanças dos inimigos novamente do que submeter-me

⁶⁸ O patrício L. Emílio Paulo foi cônsul em 219 a.C. e obteve o triunfo contra os Ilírios. O seu filho, L. Emílio Paulo da Macedónia, foi o vencedor de Perseu na batalha de Pidna (168 a.C.), sobre o qual Plutarco escreveu uma biografia (*Timoleonte – Emílio Paulo*). Ele e o seu colega M. Lívio Salinator criticaram os seus chefes pelo facto de os despojos de guerra terem sido mal repartidos. Segundo Tito Lívio 22.35.5, Emílio Paulo não foi condenado, ao contrário do seu colega.

aos votos dos cidadãos. No entanto, se a República se encontra em tal situação, esforçar-me-ei por parecer a ti um bom general, mais do que a todos os outros, que me pressionam para o contrário.” Com estes intentos, partiu Paulo para a guerra⁶⁹.

15. Terêncio, contudo, que se tinha proposto a comandar em dias alternados e estava acampado próximo de Aníbal, junto ao rio Áufido⁷⁰ e à cidade chamada Canas, ao amanhecer lançou o sinal de combate – uma túnica púrpura que se estende sobre a tenda do general – de tal modo que os Cartagineses, a princípio, ficaram perturbados, vendo a ousadia do general e o numeroso exército, enquanto eles não eram nem metade. 2. Aníbal, porém, ordenou às suas forças que pegassem nas armas, subiu a cavalo e, acompanhado de alguns homens, subiu a uma colina para ver os inimigos que se estavam formados em linha de batalha.

3. Um elemento da comitiva de Aníbal, chamado Gíscón⁷¹, da mesma condição que ele, comentou que lhe parecia descomunal a quantidade dos inimigos, ao que Aníbal, franzindo a face, retorquiu: “Outra coisa, Gíscón, ainda mais extraordinária te esqueceste de admirar.” “Qual?”, perguntou Gíscón. “É que, de todos quantos ali estão”, respondeu o general “nenhum se chama Gíscón.” Esta graça tão inesperada fez rir quantos lá estavam, e, descendo a colina, não deixavam de a transmitir a todos os que ali se encontravam, de tal

⁶⁹ Cf. Tito Lívio 22.39 e 40, 1-3.

⁷⁰ Rio da região de Apúlia, actualmente designado de Ofanto.

⁷¹ Nem Políbio, nem Tito Lívio fazem referência a esta figura.

forma que a graça passou por muitos e nem a escolta de Aníbal conseguiu ficar séria. 4. A visão de tanto riso encheu os Cartagineses de coragem, que pensaram que, se o seu general dizia piadas em face do perigo, isso era sinal evidente de que o desprezava profundamente⁷².

16. Naquela batalha, Aníbal serviu-se de duas estratégias. A primeira, em relação ao terreno: colocou as suas tropas de forma a que ficasse de costas para o vento, pois um furacão, semelhante a um sopro de fogo, tinha-se desencadeado e levantado, daquelas planícies arenosas e abertas, uma terrível poeira, que se alçava por cima da falange dos Cartagineses contra os Romanos e agredia-lhe as faces, fazendo-os voltar para trás e alterar a formação⁷³. 2. A segunda estratégia dizia respeito à forma de dispor as tropas: colocou em ambos os lados do centro aquela que é a parte mais forte e combativa do exército, tendo enchido o centro com as menos capazes, utilizando-os como uma saliência que se destacava do resto da falange. Instruiu as melhores tropas para que, quando os Romanos abrissem um espaço na frente e se precipitassem para o centro, que cedendo pela acção da força deixaria uma reentrância; que eles permanecessem no interior da falange, voltando-se rapidamente de ambos os lados, os atacassem pelos flancos e os cercassem, fechando a retaguarda. 3. Foi esta manobra, ao que parece, que produziu maior mortandade, já que o centro cedeu e absorveu os Romanos que os perseguiam.

⁷² Sobre a dimensão apotropaica do riso, vide HALLIWELL (2008: 199-201).

⁷³ Cf. Tito Lívio 22.46.8.

Nisto, a falange de Aníbal alterou o esquema e adoptou a forma em meia-lua e então os oficiais das melhores tropas, carregando com os seus homens uns à esquerda, outros à direita, lançaram-se sobre os flancos descobertos do inimigo; e, com isto, fecharam no centro e mataram todos os que não se apressaram a fugir daquele enlace.

4. Conta-se também que, à cavalaria dos Romanos, aconteceu um inesperado acidente. Paulo, segundo parece, foi deitado abaixo pelo seu cavalo, que se tinha ferido, e aqueles que estavam perto de si abandonaram os cavalos e foram a pé, a partir de vários sítios, para o socorrem. 5. Quando os cavaleiros viram isto, pensando que se tratava de uma ordem geral, desceram todos do cavalo e lutaram a pé com os inimigos. Deparando-se com tal situação, Aníbal disse “antes isto do que terem-mos entregado atados.”⁷⁴ 6. Mas estas coisas são transmitidas por aqueles que escreveram histórias muito pormenorizadas⁷⁵.

Dos cônsules, Varrão chegou a cavalo com alguns à cidade de Venúsia, enquanto que Paulo, entre o abismo e a onda daquela fuga, com o corpo coberto de feridas por causa dos muitos dardos e com o espírito oprimido por tamanho sofrimento, sentou-se junto a uma pedra à espera de receber o golpe de misericórdia dos inimigos⁷⁶. 7. Contudo, por causa da abundância do

⁷⁴ Cf. Tito Lívio 22.49.

⁷⁵ Aqueles que escreveram relatos mais detalhados são Políbio (3.110-117) e Tito Lívio (22.44-50). Com efeito, no início da vida de Alexandre, Plutarco acentua a diferença estes os dois registos, a biografia, que relata o percurso do indivíduo, e a história, de tema mais amplo.

⁷⁶ Cf. Tito Lívio 22.38.6-13.

sangue, que lhe desfigurava a cabeça e o rosto, muitos não o distinguiam, e amigos e servidores que passaram não o reconheceram. Apenas Cornélio Lêntulo⁷⁷, jovem patrício, o viu e se apercebeu de quem era, desceu do cavalo, acercou-se dele e exortou-o a salvar-se para bem dos cidadãos, que nunca antes precisaram tanto de um bom general. 8. Este, contudo, não aceitou o pedido e obrigou o jovem, apesar das lágrimas, a montar de novo o cavalo e logo, tomando a sua mão direita, levantou-se ao mesmo tempo que ele e disse: “Anuncia, Lêntulo, a Fábio Máximo, e sê tu mesmo testemunha, de que Paulo Emílio permaneceu fiel às suas resoluções até ao fim, e que não quebrou nenhum acordo com ele, mas foi vencido primeiro por Varrão e depois por Aníbal.” 9. Com tais instruções, despediu-se de Lêntulo, abandonou-se às mãos dos seus assassinos e morreu. Conta-se que, nesta batalha, caíram cinquenta mil Romanos, foram feitos prisioneiros quatro mil e que, depois do combate, foram capturados não menos de dez mil em ambos os campos.

17. Depois de tamanha vitória, os amigos de Aníbal incitavam-no a aproveitar a fortuna, a seguir os inimigos em fuga para entrar com eles na cidade e, no quinto dia da vitória, jantar no Capitólio⁷⁸. Com efeito, não é fácil dizer por que razão terá recuado nessa intenção, mas parece que a hesitação e receio foram

⁷⁷ Gneu Cornélio Lêntulo era então *tribunus militum*. Em 201 a.C., seria eleito cônsul e comandante da frota na Sicília.

⁷⁸ Cf. Catão, *Origens* fr. 86 Peter; Tito Lívio 22.51.

mais obra de algum génio ou deus que o demoveram⁷⁹.
 2. Por isso, dizem que o cartaginês Barca, enraivecido, terá comentado: “Tu sabes vencer, mas não sabes tirar proveito da vitória.”⁸⁰ 3. Não obstante, a vitória trouxe uma grande mudança. Antes da batalha, Aníbal não dispunha, em Itália, nem de cidade, nem de mercado ou de porto, e só com dificuldade conseguia providenciar o indispensável ao exército através do roubo; não havia qualquer base firme para empreender uma batalha, senão através da pilhagem e indo de um lado para outro com o exército, como um bando de piratas. Naquela altura, pelo contrário, quase toda a Itália ficou submetida à sua obediência.

4. Na verdade, os povos mais numerosos e importantes a ele aderiram voluntariamente, e até mesmo Cápua, a cidade mais importante depois de Roma, a ele se juntou. Com efeito, uma grande adversidade serve para provar não só, como diz Eurípides⁸¹, quem são os amigos, mas também os generais sensatos. 5. Assim, o que antes da batalha se pensava ser cobardia e apatia da parte de Fábio, imediatamente a seguir à batalha não parecia já perspicácia humana, mas alguma obra da inteligência celeste ou divina, pois previra com muita antecipação acontecimentos futuros e que mesmo agora pareciam apenas verosímeis para aqueles que os sofriam. 6. Por isso, assim que Roma depositou nele as últimas

⁷⁹ Segundo Sílio Itálico 10.337, Juno teria enviado a Aníbal um sonho para o dissuadir de avançar sobre Roma.

⁸⁰ Este comentário foi igualmente referido por Tito Lívio 22.51. 2-4.

⁸¹ Verso de uma tragédia perdida (fr. 993 Nauck²).

esperanças e se refugiou na resolução daquele homem como em um templo e altar, foi essa a primeira e principal razão pela qual a cidade se manteve firme, em vez de dispersar, como sucedeu *** durante a invasão gaulesa. 7. Com efeito, ele que, quando parecia não haver nenhum perigo, se revelava prudente e pessimista, naquela altura, quando todos se tinham entregado a uma dor infinita e ao temor, sem capacidade de reacção, era o único a passear tranquilamente pela cidade com um passo calmo, de aparência serena e falava às pessoas com mansidão. Eliminou os lamentos femininos, eliminou os ajuntamentos dos que se agrupavam em espaços públicos para lamentar as desgraças em comum. Convenceu, o Senado a reunir-se e a inspirar confiança aos magistrados, tornou-se assim a força e o suporte e tinha todos os olhares virados para si.

18. Colocou então vigias nas portas, de modo a evitar que a multidão saísse e abandonasse a cidade, e fixou lugar e tempo para o lamento, permitindo, a quem quisesse, chorar em casa durante trinta dias. Contudo, terminado este período, teria que eliminar todo o lamento e purificar a cidade de tais manifestações, 2. pois as celebrações de Deméter⁸² teriam lugar naqueles dias, pelo que pareceu melhor cessar completamente os sacrifícios e a procissão, antes que se evidenciasse a grandeza do desastre com a fraca concorrência e o desalento dos assistentes. Além disso, é também agradável aos deuses ser

⁸² Designação correspondente à deusa Ceres.

honrados por homens contentes⁸³. 3. Nisto, cumpriu-se tudo quanto os sacerdotes aconselharam para propiciar os deuses e afastar os males. Com efeito, enviou-se também a Delfos, para consultar o oráculo, Pictor⁸⁴, um familiar de Fábio. Quando se descobriu que as duas Vestais se deixaram seduzir, uma foi sepultada viva⁸⁵, conforme o costume, enquanto que a outra, infligiu a morte a si mesma. 4. Contudo, o mais admirável foi a generosidade e a clemência da cidade, quando o cônsul Varrão regressava da sua fuga – tal como regressa alguém que se comporta de forma vergonhosa e lamentável, humilhado e cabisbaixo –, o senado e todo o povo foram, ao seu encontro até às portas da cidade para o receber. 5. Os magistrados e os principais do Senado, entre os quais se encontrava Fábio, quando se fez silêncio, elogiaram-no por não ter renunciado à cidade depois de tamanho infortúnio e por estar ali presente para desempenhar o seu cargo, por velar pelas leis dos cidadãos e por achar que era ainda possível a salvação⁸⁶.

⁸³ Cf. Tito Lívio 22.56.4. Tratava-se do *sacrum anniversarium Cereris*.

⁸⁴ Cf. Tito Lívio 22.57.2-6. Trata-se de Fábio Pictor, o primeiro historiador romano. Como membro do Senado, combateu contra os Cartagineses na Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.). Após o desastre de Canas, foi enviado numa embaixada ao oráculo de Delfos em 216 a.C. A sua obra, hoje perdida, relata os primeiros tempos da história de Roma e rapidamente passa para o momento histórico coevo. Escreveu em grego, não só pela qualidade literária desta língua, mas também para defender a política romana no mundo grego. Mais tarde, historiadores como Políbio, Dionísio de Halicarnasso e Tito Lívio recorreram à sua obra como fonte.

⁸⁵ Cf. Plutarco, *Numa* 10.4 sqq.

⁸⁶ Cf. Tito Lívio 22.61.14.

19. Quando souberam que Aníbal, depois da batalha, se tinha afastado para o outro extremo da Itália, ganharam confiança e enviaram outra vez generais e exércitos. Daqueles, os mais ilustres eram Fábio Máximo e Cláudio Marcelo⁸⁷, ambos igualmente admirados, apesar das suas orientações políticas serem quase totalmente opostas.

2. Quanto a Marcelo, como se disse na biografia escrita sobre ele⁸⁸, distinguia-se pela sua acção brilhante e impetuosa, como um homem de braço de ferro e de natureza semelhante àqueles a quem Homero chama sobretudo de “belicosos” e “orgulhosos”⁸⁹; por isso, travou os seus primeiros combates com uma táctica bélica vigorosa e temerária e, a um homem ousado como Aníbal, opunha igualmente a sua audácia. 3. Fábio, por outro lado, levando em mente os planos iniciais, tinha a esperança de que, se ninguém combatesse ou provocasse Aníbal, ele se prejudicaria a si mesmo e acabaria por desgastar-se com a guerra, como acontece com a energia do corpo de um atleta, quando se submete a um esforço excessivo e exaustivo. 4. Por esta razão, disse Posidónio⁹⁰

⁸⁷ Cônsules em 214 a.C.

⁸⁸ Cf. Plutarco, *Marcelo* 1 e 9.

⁸⁹ E.g. *Iliada* 3.36 e 16. 65.

⁹⁰ *FGrHist* 87 F 42. Cf. Plutarco, *Marcelo* 9.7. Posidónio de Apameia (sécs. II-I a.C.), filósofo estóico, escreveu um relato histórico em cinquenta e dois livros, que abarcava acontecimentos desde 146 a.C. até à ditadura de Sila. Considerado o pensador mais influente do Império Romano seria comparável apenas a Aristóteles, superando-o mesmo no que respeitava à unidade sistemática da sua ciência. Representante do Estoicismo médio, foi discípulo de Panécio em Atenas e mestre de ilustres romanos como Cícero e Pompeu. Como é o único autor mencionado nesta

que os Romanos lhe chamariam *o escudo* e a Marcelo, *a espada* e que a firmeza e a segurança de Fábio, misturadas com o ímpeto de Marcelo, eram a salvação dos Romanos. 5. Por um lado, Aníbal confrontando-se muitas vezes com este, como um rio violento, sacudia e aniquilava a sua força; por outro, Fábio, semelhante a um rio que fluía sem ruído e pouco a pouco, consumia continuamente as suas bordas. Assim chegou a um impasse que consistia em perder o ânimo quando lutava com Marcelo e recer Fábio quando com ele não lutava. 6. Em suma, pode dizer-se que a maior parte do tempo se fez guerra contra estes, ora generais, ora procônsules, ora cônsules e cada um deles foi cônsul cinco vezes⁹¹. Marcelo, porém, durante o seu quinto consulado, caiu numa emboscada e morreu⁹². Fábio, por outro lado, muitas vezes foi alvo de todo o tipo de ardis e provas, mas nada resultou. Excepto uma única vez em que se lhe preparou uma cilada que esteve a ponto de o enganar: 7. Aníbal forjou umas cartas dos cidadãos mais influentes e poderosos do Metaponto e remeteu-as a Fábio, como se a cidade a ele se fosse entregar caso ele se apresentasse; e aqueles que o pediam esperariam que ele chegasse e que estivesse nas proximidades. 8. Estas cartas convenceram, com

biografia e na de Marcelo, por quatro vezes, é verosímil que tenha sido uma das principais fontes de Plutarco na elaboração da *Vida* de Fábio Máximo.

⁹¹ Cláudio Marcelo foi eleito cônsul em 222, 215, 214, 210 e 208 a.C., enquanto que Fábio granjeara essa distinção em 233, 228, 215, 214 e 209 a.C., tal como o seu bisavô, Q. F. Máximo Ruliano.

⁹² Em 208 a.C. na Lucânia. Vide Plutarco, *Marcelo* 29. Cf. Tito Lívio 27.26-27.

feito, Fábio, e estava disposto a actuar durante a noite com uma parte do exército. Contudo, como o vaticínio do voo das aves não foi favorável, desistiu. Em pouco tempo se descobriu que a carta a ele dirigida tinha sido escrita por Aníbal para o enganar, e que este o aguardava numa armadilha ao pé da cidade. Este sucesso, porém, teríamos de o atribuir ao favor dos deuses⁹³.

20. Em relação ao afastamento das cidades e das revoltas dos aliados, Fábio pensava que deviam ser controlados e trazidos de volta à razão de forma suave e afável, antes de investigar qualquer suspeita ou ser demasiado severo para com os suspeitos. 2. Diz-se que, ao saber que um soldado marso⁹⁴, o primeiro entre os aliados na bravura na linhagem, tinha falado de revolta com alguns do acampamento, Fábio não se irritou com ele, antes admitiu que o seu mérito não tinha sido reconhecido e disse, naquele momento, que a culpa era dos generais por distribuírem as recompensas conforme os favores e não de acordo com o mérito; mas que daí em diante, seria ele o culpado se não lhe manifestasse a sua vontade e a ele não recorresse quando tivesse alguma reclamação. 3. Dito isto, ofereceu-lhe um cavalo de guerra e distinguiu-o com outros prémios de valor, de forma que, a partir de então, aquele homem foi um

⁹³ Este episódio data do ano 209 a.C. Tito Lívio (27.16.9-16) apresenta um testemunho mais completo, referindo que a armadilha tinha sido confessada pelos próprios habitantes de Metaponto que vieram pedir que Fábio se aproximasse da cidade.

⁹⁴ Valério Máximo (7.3.7) refere que se trata de um soldado originário de Nola de nome Mário Estatílio. Vide também *Sobre os varões ilustres* 43.5; Frontino 4.7.36.

modelo de lealdade e zelo. 4. Com efeito, Fábio achava incompreensível que os criadores de cavalos e de cães de caça recorressem a cuidados, atenções e à alimentação, mais do que a açoites e coleiras, para retirar aos animais a aspereza, o temperamento selvagem e a rebeldia. Aquele que governa os homens, pelo contrário, não faz da benevolência e da mansidão o meio principal para corrigir os defeitos, mas age com mais dureza e violência do que aquela com que os camponeses tratam as figueiras, pereiras e oliveiras selvagens, quando as cultivam e as convertem em oliveiras, pereiras e figueiras mansas, respectivamente⁹⁵. 5. Os oficiais informaram-no sobre outro homem de origem lucana que fugira do acampamento e abandonara muitas vezes o seu posto. Fábio perguntou-lhes como era ele visto em tudo o resto. 6. Com efeito, todos testemunharam que não seria fácil encontrar outro soldado igual, ao mesmo tempo que lhe contavam algumas das suas notáveis proezas e façanhas. Questionou, então, a causa da sua indisciplina e descobriu que, por estar dominado pelo amor a uma mulher, se arriscava a fazer grandes caminhadas longe do acampamento, de cada vez que a visitava. 7. Enviou alguns, sem que ele o soubesse, e fazendo vir a mulher, esconderam-na na tenda. Chamou, em seguida, o lucano em privado e disse-lhe: “Não ignoro o facto de, contrariamente às tradições e leis romanas, teres pernoitado muitas vezes fora do acampamento, mas

⁹⁵ A mesma ideia aparece expressa em Plutarco, *Obras Morais* 492 E-F. A doçura e a tolerância são qualidades peculiares tanto a Fábio como a Péricles, algo que será bem evidenciado na comparação final.

também não ignoro o facto de seres um bom soldado. 8. Assim, que sejam as tuas faltas compensadas pelas tuas proezas, e daqui em diante, colocarei a tua vigilância a cargo de outra pessoa.” 9. E, perante o espanto do soldado, mandou sair a jovem e entregou-a aos seus braços, dizendo: “É esta a minha garantia de que vais permanecer no acampamento connosco. Tu, com o teu trabalho, demonstrarás se nos abandonas por alguma outra maldade e se o amor e esta mulher eram apenas um pretexto que usavas.” É o que contam sobre estes episódios⁹⁶.

21. Fábio tomou ainda a cidade dos Tarentinos por meio de traição⁹⁷, conquistando-a da seguinte maneira: um jovem tarentino do seu exército tinha, em Tarento, uma irmã que lhe dedicava grande lealdade e afecto. 2. Estava apaixonado por ela um brútio⁹⁸ que integrava a guarnição encarregada por Aníbal de manter a cidade sob o seu controlo; esta situação criou no tarentino a expectativa de um plano e, com o conhecimento de Fábio, regressou à cidade dizendo que tinha desertado para se juntar à irmã. Os primeiros dias decorreram e

⁹⁶ Vide Plutarco, *Obras Morais* 195 E, Valério Máximo 7.3.7, *Sobre os varões ilustres* 43.5

⁹⁷ Em 209 a.C. Cf. Tito Lívio 27.15.9-11. Aníbal tinha conquistado Tarento em 212 a.C. O domínio, contudo, não foi absoluto, pois a acrópole manteve uma guarnição romana. Durante esse mesmo ano, Aníbal tomara aliás quase todas as cidades do Golfo de Tarento.

⁹⁸ Brútio corresponde à periferia da actual Calábria. Este foi o último refúgio de Aníbal em Itália, que lhe valeu uma severa punição da parte dos Romanos, depois da vitória.

o brútio ficava em casa, pois pensava que o irmão não estava inteirado da relação deles. 3. Nisto, o jovem disse à irmã: “Circulava por aí, com frequência, o boato de que tu mantinhas relações com um homem de influência e poderoso. De quem se trata? Se se trata, como dizem, de alguém bem conceituado e distinto, não importa a origem, pois a guerra tudo confunde. Além disso, com a necessidade nada é vergonhoso, mas é, pelo contrário, uma sorte no momento em que a justiça não tem força, ser tratado com benevolência por quem tem mais poder.” 4. Em sequência disto, a mulher mandou vir o brútio e apresentou-lhe o seu irmão. Este, por sua vez, favorecendo a paixão do bárbaro e parecendo-lhe ficar a sua irmã mais apaixonada e submissa do que antes a seu respeito, ganhou a sua confiança a ponto de, sem dificuldade, conseguir mudar o pensamento de um homem apaixonado e mercenário com a expectativa das grandes recompensas que, segundo este lhe dizia, Fábio lhe oferecia. 5. É esta a versão, com efeito, que a maioria dos autores tem escrito sobre este tema⁹⁹. Alguns, contudo, defendem que a mulher pela qual brútio mudou de ala não era tarentina de nascimento, mas antes brútia, e ainda que ela seria concubina de Fábio. Ao tomar conhecimento de que o chefe dos Brúlios era concidadão e conhecido seu, revelou-o a Fábio e, numa conversa que teve com ele ao pé da muralha, conseguiu convencer e vencer o homem por completo¹⁰⁰.

⁹⁹ Vide Tito Lívio 27. 15. 9-11.

¹⁰⁰ Não se conhecem outros testemunhos que atestem esta versão.

22. Enquanto decorriam estes factos, Fábio engendrou algo para distrair Aníbal; ordenou aos soldados que estavam em Régio para fazer uma incursão por Brútia e acampar junto a Caulónia de forma a tomá-la pela força. Os soldados, cerca de oito mil, eram na sua maioria desertores e os mais inúteis dos proscritos entre os homens enviados por Marcelo da Sicília, pelo que a sua morte traria menos dor e prejuízo à cidade¹⁰¹. 2. Ele esperava que, enviando-os a Aníbal, pudesse afastá-lo de Tarento, algo que, de facto, aconteceu, pois logo Aníbal se lançou a persegui-los com as suas forças¹⁰². 3. No sexto dia desde que Fábio acampou em Tarento, o jovem, que antecipadamente entrara em acordo com o brútio, veio de noite com a irmã à sua presença, pois conhecia com exactidão e tinha marcado o lugar onde, estando de vigia, o brútio se ia entregar e render-se aos atacantes. 4. Fábio, porém, fez com que a empresa não dependesse unicamente da traição; ele apresentou-se no lugar combinado e manteve-se calmo, enquanto que o resto do exército assaltava as muralhas a partir da terra e do mar, ao mesmo tempo que se fazia uma grande gritaria e se gerava confusão. Nisto, enquanto a maior parte dos Tarentinos acorria em socorro e lutava contra os que assaltavam a muralha, o brútio indicou a Fábio o momento oportuno, este subiu a uma escada e tomou a cidade. 5. Parece, porém, que nesta altura terá sido dominado pelo desejo de glória, pois mandou decapitar os Brúlios importantes, de modo a evitar que

¹⁰¹ Segundo Tito Lívio 23.25.7, estes soldados desertores provinham, na sua maioria, de Canas.

¹⁰² Cf. Tito Lívio 27.12.4-6.

se descobrisse que tinha tomado a cidade por meio de uma traição. Contudo, não obteve o efeito esperado, recebendo pelo contrário a acusação de deslealdade e crueldade¹⁰³. 6. Morreram também muitos Tarentinos e venderam-se trinta mil, o exército saqueou a cidade e foram enviados para o tesouro público três mil talentos. 7. Diz-se que, quando todos estavam a roubar e a levar bens, o secretário de Fábio perguntou-lhe quais eram as suas ordens em relação aos deuses, referindo-se deste modo a quadros e estátuas. Fábio, perante isso, respondeu: “Deixemos aos Tarentinos os seus deuses irritados”¹⁰⁴. 8. Contudo, levou consigo de Tarento a estátua colossal de Hércules que colocou no Capitólio, ao lado da qual erigiu uma estátua sua equestre em bronze. Nisto se mostrou mais extravagante que Marcelo, ou melhor, fez com que aquele varão fosse mais admirado pela sua clemência e humanidade, como se escreveu na sua biografia.

23. Diz-se que Aníbal veio em socorro, mas terá ficado a uma distância de quarenta estádios, e que disse em público: “Havia, sem dúvida, algum outro Aníbal entre os Romanos; pois perdemos a cidade de Tarento da mesma forma como a ganhámos”¹⁰⁵. E em particular, reconheceu, pela primeira vez, perante os seus companheiros, que, depois de muito tempo, via que seria

¹⁰³ Cf. Tito Lívio 27.15.9-16.6.

¹⁰⁴ Este comentário de Fábio consta igualmente em Tito Lívio 27.16.7-8.

¹⁰⁵ Cf. Plutarco, *Obras Morais* 195 F; Tito Lívio 27.16.10; Cícero, *O Orador* 2.273; *Da Velhice* 11.

difícil para eles, mas que agora lhe parecia impossível apoderar-se de Itália naquelas circunstâncias.

2. Este segundo triunfo, celebrou-o Fábio com mais pompa do que o primeiro¹⁰⁶. Viam-no agora como um bom atleta que, lutando com Aníbal, facilmente se liberta dos ataques do adversário, como se a presa e seu nó não tivessem já o mesmo vigor de outrora. 3. Com efeito, parte das suas forças estava deslumbrada pelo luxo e pelas riquezas, enquanto que a outra estava debilitada e esgotada por causa dos contínuos combates. Havia um certo Marco Lívio¹⁰⁷, que comandava a guarnição de Tarento quando Aníbal conseguiu que esta desertasse. Ocupou então a acrópole que continuou a proteger sem ser expulso dela, vigiando-a até que os tarentinos voltassem a cair novamente nas mãos dos Romanos.

4. A este importunavam-no as honras que se prestavam a Fábio, e um dia, movido pela inveja e pela ambição, disse perante o Senado que não era Fábio, mas ele próprio, o responsável pela conquista de Tarento. Fábio, rindo-se, disse: “Tens razão! Pois se não tivesses perdido a cidade, eu não a teria recuperado.”¹⁰⁸.

¹⁰⁶ O primeiro triunfo conquistado foi sobre os Lígures, referido anteriormente em 2.1.

¹⁰⁷ Cf. Tito Lívio 27.25.34 e Plutarco, *Obras Morais* 195 F.

¹⁰⁸ Referido em *Marcelo* 21.4. Afirmo Plutarco que Marcelo levava para Roma, a maior parte das estátuas e objectos artísticos e que com eles desfilou no cortejo do triunfo. Cf. Tito Lívio 27.16.8 que estabelece a mesma comparação, mas manifesta preferência pela conduta de Fábio, pois Marcelo tinha saqueado Siracusa e levado vários tesouros artísticos.

24. Os Romanos, além das várias honras que concederam a Fábio, nomearam cônsul o seu filho Fábio¹⁰⁹. Quando tomou posse do cargo e estava ocupado com um certo assunto relacionado com a guerra, o seu pai, seja por velhice seja por debilidade ou para por o filho à prova, aproximou-se dele montado a cavalo entre aqueles que ali se encontravam e rodeavam o cônsul. 2. O jovem vendo-o ao longe, não o permitiu, e mandou um lictor que ordenasse ao seu pai que desmontasse e se apresentasse pelo próprio pé, se tinha algo a pedir ao cônsul. 3. A todos os outros importunou a ordem, e olharam para Fábio em silêncio, como se tivesse sido alvo de um tratamento indigno. Aquele, contudo, rapidamente se desceu do cavalo e acelerou o passo em direcção ao seu filho e, abraçando-o e beijando-o, disse: 4. “Filho, pensa e procedes bem. Pois conheces aqueles em que mandas e a grandeza do cargo que recebeste. Assim foi como nós próprios e os nossos antepassados engrandecemos Roma, colocando sempre os pais e filhos em segundo lugar, depois do bem da pátria.”¹¹⁰.

5. Na verdade, diz-se que o bisavô de Fábio¹¹¹ era um homem muito conceituado e influente entre os Romanos, pois foi cinco vezes cônsul e celebrou triunfos das maiores guerras. Quando, porém, já velho, partiu com o filho para a guerra, fez a entrada numa quadriga

¹⁰⁹ No ano de 213 a.C., juntamente com Tibério Semprônio Graco. Sobre o combate do filho de Fábio em Arpos, vide Frontino, *Estratagemas* 3.9.2.

¹¹⁰ Cf. Plutarco, *Obras Morais* 196 A; Tito Lívio 24. 44. 9; Valério Máximo 2. 2. 4.

¹¹¹ Este episódio refere-se a Fábio Máximo Ruliano, já mencionado em 1.3.

no desfile triunfal, seguindo-o com o seu cavalo e com os outros elementos da comitiva¹¹². Disto se orgulhava, porque ele, apesar de ter sob o seu filho o poder paternal¹¹³ e ser considerado o mais importante entre os cidadãos, estava subordinado à lei e àquele magistrado. 6. Com efeito, nem só por isto aquele foi admirável. Aconteceu falecer o filho de Fábio, e ele suportou com muita contenção a desgraça, como um homem prudente e bom pai. Ele mesmo pronunciou, da tribuna do foro, o elogio que nos enterros de individualidades ilustres compõem os familiares e, redigindo o discurso, publicou-o.

25. Cornélio Cipião, que tinha sido enviado à Hispânia, expulsou os Cartagineses, depois de os vencer em muitas batalhas e de conseguir para os Romanos muitos povos, grandes cidades e brilhantes empresas, regressando enquanto detentor de popularidade e glória como nenhum outro. Nomeado cônsul¹¹⁴, apercebeu-se de que o povo pedia e esperava dele uma façanha. Pareceu-lhe muito antiquado e obsoleto continuar a ofensiva contra Aníbal em Itália, pelo que planeava

¹¹² Cf. Valério Máximo 5.7.1. Este episódio teve lugar durante o primeiro consulado do seu filho Q. Fábio Cruges, avô de Fábio Máximo, em 292 a.C.

¹¹³ Trata-se da *patria potestas*, que estabelecia que o *paterfamilias* tinha o direito de vida e de morte sobre os filhos.

¹¹⁴ Em 205 a.C. a estratégia romana consistiu em invadir a Hispânia de forma de impedir a renovação do exército de Aníbal em Itália, retirando-lhe assim as suas bases de apoio. Como tal, a conquista e presença romanas na Hispânia resultaram de uma manobra defensiva contra Cartago.

navegar directamente para Cartago e para a Líbia, enchendo-as de armas e exércitos, e transferir a guerra de Itália para esse lugar, incitando o povo com todas as suas forças a executar este plano. 2. Fábio infundia todo o tipo de medos na cidade, como se fosse levada por um homem insensato e jovem ao mais extremo e grave perigo. Não poupava palavras ou acções para afastar os cidadãos destes projectos, e ia conseguindo convencer o Senado. Contudo, ao povo parecia-lhe que estava contra Cipião por inveja dos seus êxitos e que temia que, se ele realizasse alguma façanha grande e notável, terminaria definitivamente com a guerra ou a afastaria de Itália, e ele pareceria uma pessoa indolente e cobarde por não ter concluído a guerra em tanto tempo.

3. Com efeito, é provável que o propósito inicial de se opor a estes planos se tenha devido mais à segurança e à prudência, pois temia o perigo que este constituía. Contudo, tornou-a uma questão pessoal e foi mais longe, arrastado por uma certa ambição e sede de vencer, de modo a impedir o engrandecimento de Cipião. A verdade é que fazia o possível para convencer Crasso, colega de Cipião no consulado, para que não autorizasse a expedição nem cedesse, a não ser que, se assim decidisse, que navegasse ele mesmo contra os cartagineses. Além disso, também não deixou que se aprovassem os fundos para a guerra.

4. Deste modo, Cipião vendo-se obrigado a arranjar, por sua própria conta, o dinheiro, reuniu das cidades na Etrúria aquelas que se encontravam numa relação de amizade para com ele e disponíveis para

comparecer. Quanto a Crasso, permaneceu na sua pátria, por um lado pela sua natureza tranquila e pouco conflituosa¹¹⁵, e por outro por respeito à lei divina, pois era Pontífice Máximo.

26. Então, Fábio voltou a opor-se a Cipião por outra via: impedia os jovens que se queriam alistar com ele e retinha-os, gritando nas reuniões do Senado e nas assembleias que Cipião tinha, não só tentando escapar a Aníbal, como também pretendia sair de Itália, levando com ele o exército que ali estava, seduzindo a juventude com esperanças e convencendo-os a abandonar os seus pais, as suas mulheres e a sua cidade, no momento em que o inimigo, vitorioso e imbatível, estava às suas portas. 2. Com estes discursos assustou os Romanos, que decretaram, por votação, que Cipião só iria fazer uso dos exércitos que estavam na Sicília e que não levaria mais do que trezentos dos que tinham estado com na Hispânia e nos quais depositava especial confiança. Esta política de Fábio estava em conformidade com a sua natureza.

3. Contudo, depois de Cipião passar a Líbia¹¹⁶, começaram a chegar a Roma notícias das suas notáveis acções e façanhas, que se destacavam pela sua grandeza e beleza extraordinárias¹¹⁷. Estas notícias foram confirmadas pela chegada de muitos despojos e de um

¹¹⁵ Os discursos pronunciados por Fábio Máximo e Cornélio Cipião diante do Senado foram relatados por Tito Lívio 28.40-45.

¹¹⁶ Em 204 a.C.

¹¹⁷ Trata-se da batalha nos *Campi Magni*.

rei dos Númidas cativo¹¹⁸. Soube-se também que dois acampamentos foram destruídos e incendiados num único dia e que com eles arderam muitos homens, muitas armas e cavalos. Chegaram também a Aníbal embaixadas de Cartagineses, chamando-o e pedindo-lhe que abandonasse aquelas vãs esperanças e fosse em socorro da sua pátria¹¹⁹. Por causa de tais sucessos, em Roma, não havia ninguém que não falasse no nome de Cipião. Apesar disso, Fábio exigiu o envio de um substituto para Cipião, e, não alegando mais nenhum pretexto, foi dizendo o que já tinha sido dito, que era arriscado confiar assuntos tão importantes a um só homem, pois é difícil que a mesma pessoa seja sempre afortunada. Com ele se incompatibilizou o povo que o considerava já um homem intratável e invejoso, que com a velhice se tornara muito cobarde e pessimista, e que se assustava com Aníbal além da medida.

4. Com efeito, nem sequer depois de Aníbal se fazer ao largo com as suas forças e abandonar a Itália¹²⁰, deixou livre de medos e segura a alegria e a confiança dos cidadãos; pelo contrário, repetia que a conjuntura era frágil e que a cidade corria perigo extremo, pois na Líbia, diante de Cartago, Aníbal cairia sobre eles com todo o seu peso¹²¹ e colocaria diante de Cipião um exército ainda quente com o sangue de numerosos

¹¹⁸ Plutarco não respeita aqui a cronologia dos acontecimentos: os campos cartaginês e númida foram incendiados antes da prisão de Sifax, o rei númida.

¹¹⁹ Cf. Tito Lívio 30.19.

¹²⁰ Em 203 a.C. Cf. Tito Lívio 30.26.

¹²¹ Cf. Tito Lívio 28.42.18.

gerais, ditadores e cônsules. A cidade voltou, por isso, a ficar perturbada com estes discursos e, apesar de a guerra ter sido trasladada para a Líbia, parecia que o perigo estava ainda mais próximo de Roma.

27. Pouco tempo depois, Cipião, porém, vence Aníbal numa batalha¹²² e além de derrubar e pisar o orgulho de Cartago definitivamente caído, concede aos seus concidadãos uma alegria maior que toda a esperança e a hegemonia de Roma, realmente

*sacudida por uma grande agitação, voltou a erguê-la*¹²³.

2. Fábio Máximo, contudo, não viveu o suficiente para ver o fim da guerra, não teve conhecimento da derrota de Aníbal, nem pôde contemplar a grande e sólida prosperidade da pátria, pois por volta da altura em que Aníbal zarpava de Itália, ficou doente e morreu¹²⁴.

3. A Epaminondas¹²⁵, enterraram-no os Tebanos a expensas do Estado por causa da sua pobreza, pois, na altura da sua morte, dizem que acabou por não se encontrar nada à excepção de uma moeda de ferro. 4. A Fábio, os Romanos não realizaram o funeral a expensas

¹²² A batalha de Zama, que pôs fim à Segunda Guerra Púnica, teve lugar em Outubro de 202 a.C. A vitória de Cipião, nesta batalha, valeu-lhe o título de “Africano”.

¹²³ Sófocles, *Antígona* 163.

¹²⁴ Em 203 a.C. Cf. Tito Lívio 30.26.7.

¹²⁵ Plutarco também escreveu a vida de Epaminondas, famoso general, responsável pela hegemonia tebana no século IV a.C., que venceu os Espartanos em Leuctras e morreu na batalha de Mantinea em 371 a.C. Esta *Vida* de Plutarco, contudo, não chegou até nós.

da República, mas cada particular contribuiu com a mais pequena das moedas, não por falta de ajuda por causa da sua pobreza, mas porque o povo o enterrou como a um pai¹²⁶. Assim, a sua morte recebeu a honra e a glória que o distinguiam em vida.

¹²⁶ Cf. Valério Máximo 5.2.3.